

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Trabalho de Fim de Curso

Por cima do lixo:

- Estudo sobre a lixeira de Hulene como espaço de sociabilidade

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para
obtenção do grau de licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo
Mondlane

Autor

Abílio Lázaro Mandlate

Supervisor

Dr. João Carlos Colaço

Maputo, Setembro de 2010

Por cima do lixo:

- Estudo sobre a lixeira de Hulene como espaço de sociabilidade

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para
obtenção do grau de licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo
Mondlane

Autor: Abílio Lázaro Mandlate

Universidade Eduardo Mondlane

Departamento de Sociologia

Supervisor: Dr. João Carlos Colaço

Maputo, Setembro de 2010

O JÚRI

O presidente

O supervisor

O oponente

Data

____/____/____

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que esta monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau e ela é resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto a bibliografia e as fontes que utilizei na sua elaboração.

Maputo, Setembro de 2010

(Abílio Lázaro Mandlate)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao casal José Mandlate e Maria Mutimucio, meus pais, que sempre acreditaram em mim, sua última gestação...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meu agradecimento vai para meu supervisor, Dr. João Carlos Colaço pelo acompanhamento e pelas prontas observações que foi colocando no processo de elaboração desta monografia, desde a concepção do projecto à redacção do relatório final. Por tudo que fez, meu especial obrigado Dr. Colaço.

Quero também agradecer aos meus pais José Mandlate e Maria Mutimucuo por me terem apoiado material e moralmente desde o primeiro dia em que pus o pé na escola. Nenhunas palavras deste mundo expressam meu profundo agradecimento aos meus irmãos, Laura Ivete, Flávio Machado, José Cláudio, Florência Elvira e Idília Rabeca pelo apoio que sempre me deram. Contigo *DÍLON* (José Cláudio) tenho uma dívida eterna: muito obrigado por ter financiado minha formação superior.

Aos meus sobrinhos Cármen, Júnior, Hercília, Dido, Deny, Aline, Patrícia, Edy, Vivi, Paula e Sharon, meu obrigado por me terem deixado estudar quando devia brincar convosco. Muito obrigado a ti Afonso e ti Dinho, meus primos companheiros de batalha. Para as minhas cunhadas Bela e Minda e a minha tia-avô Beatriz, também não tenho palavras para agradecer.

Especial agradecimento vai para minha namorada, meu eterno aconchego, Graça Guta, pela companhia, paciência e dedicação nos quatro anos que durou minha formação.

Especial agradecimento vai também a turma de Sociologia “Geração 2006”, sobretudo ao *Dream Team* (Sixpence, Eunice, Violeta, Vanessa e Leónia), pela companhia e pelos bons e maus momentos que juntos passamos. A vós *Dr. Madjei* e Eunice Matavele, muito obrigado pela companhia e por tudo que juntos passamos nos últimos quatro anos. Não deixaria de agradecer a companhia e o apoio dados por de minha amiga Amina e sua filha Tamika.

Finalmente agradecer aos lixeiros e vizinhos da lixeira de Hulene bem como, ao pessoal do Conselho Municipal, Filipe e Leitão, que me facultaram as informações necessárias para o meu trabalho. Muito obrigado a todos que directa ou indirectamente colaboraram na minha formação e na elaboração desta monografia.

Tenho dito, MUITO OBRIGADO.

LISTA DE ABREVIATURAS E FIGURAS

Abreviaturas

- CEA : Centro de Estudos Africanos
- CMCM : Conselho Municipal da cidade de Maputo
- INE : Instituto Nacional de Estatística
- TVM : Televisão de Moçambique
- UEM : Universidade Eduardo Mondlane

Figuras

- Figura 1** : Vista espacial da lixeira de Hulene (p. vii).
- Figura 2** : Grupo de lixeiros cercando um camião no momento em que este despeja resíduos sólidos (p. 39)
- Figura 3** : Vasculhando lixo, grupo de mulheres e crianças reaproveitando tudo o que podem dos resíduos despejados por um camião (p.40)
- Figura 4** : Adolescente cuidando de outra criança e guardando o lixo recolhido por um de seus parentes (p. 41).

RESUMO

Mundialmente se reconhece que os centros urbanos são grandes responsáveis pela produção do lixo contudo, o principal problema ligado à essa produção está no tratamento que lhe é dado desde à recolha, transporte, armazenamento ou destruição. Colocam-se em discussão os problemas ligados à saúde pública e ao ambiente que a presença do lixo num determinado espaço pode causar. Porém, nesses espaços onde o lixo é depositado, grupos de indivíduos se concentram e se dedicam à recolha e reaproveitamento do lixo.

Neste relatório do *estudo sobre a lixeira de Hulene como espaço de sociabilidade* apresentamos uma abordagem orientada para a captação das dimensões social e interactiva da lixeira de Hulene; nosso objectivo central é perceber como a lixeira de Hulene se constitui enquanto espaço de sociabilidade e de formação de identidades sociais. Partimos de pressuposto e confirmamos que a lixeira é um espaço de sociabilidade porque nela interagem indivíduos e se formam grupo e entendemos também que é nos processos de interacção entre si e com o meio que os rodeia que os lixeiros se constituem um grupo identitário.

Metodologicamente, este é um estudo de caso sobre a lixeira de Hulene e a execução da pesquisa combinou a revisão de literatura, as entrevistas e a pesquisa documental. Em termos de resultados, observamos que a lixeira de Hulene, analisada socialmente, oferece possibilidades de múltiplas abordagens e pesquisas pois nesta se desenvolvem interacções sociais e se formam grupos que tornam o local um espaço de sociabilidade e de formação de identidades sociais.

Palavras-chave: *Sociabilidade; Identidades sociais; Interação Social; Lixeiros;*

ABSTRACT

In the world recognized that the urban centers are big responsible for the production of the garbage however and the main linked problem is in the treatment, collects, transport, storage or destruction of waste. They are put in discussion the linked problems to the public health and the atmosphere that the presence of the garbage in a certain space can cause. However, in those spaces where the garbage is deposited, groups ponder and they are devoted to collect and use of the garbage.

In this report of the study is about the *garbage can of Hulene as sociability space* and here we need to present an approach guided for the reception of the social and interactive dimension of the garbage can of Hulene; our central objective is to notice as the garbage can of Hulene is constituted while sociability space and of formation of social identities. We left of presupposition and we confirmed that the garbage can is a sociability space because in her interact individuals and they are formed group and we also understood that it is in the interaction processes amongst themselves and with the middle that it surrounds them that the garbage men are constituted a identity group.

Methodologically, this is a study of case on the garbage can of Hulene and the execution of the research combined the literature revision, the interviews and the documental research. In terms of results, we observed that the garbage can of Hulene, analyzed socially, offers possibilities of multiple approaches and researches because in this they grow social interactions and they are formed groups that turn the place a sociability space and of formation of social identities.

Key words: *Social Identities; Sociability, Social Interaction; Garbage man*

VISTA ESPACIAL DA LIXEIRA DE HULENE



Figura 1²: Vista espacial da lixeira de Hulene. Pela foto, são observáveis a permanente fumaça e as residências que “cercam” a lixeira.

² Fonte: LIVANINGO (2008). Disponível em: www.livaningo.org.mz/htt/hulene.html, acessado a 8 de Março de 2008.

ÍNDICE

| | PÁG. |
|---|------|
| DECLARAÇÃO DE HONRA..... | 3 |
| DEDICATÓRIA..... | 4 |
| AGRADECIMENTOS..... | 5 |
| LISTA DE ABREVIATURAS E FIGURAS..... | 6 |
| RESUMO..... | 7 |
| ABSTRACT..... | 8 |
| VISTA ESPACIAL DA LIXEIRA DE HULENE..... | 9 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1 | 16 |
| Contextualização das discussões do estudo | 16 |
| CAPÍTULO 2..... | 18 |
| Colocação do Problema | 18 |
| 2.1. Revisão de Literatura | 18 |
| 2.2. Formulação do problema | 21 |
| 2.3. Hipóteses..... | 24 |
| 2.4. Objectivos | 24 |
| CAPÍTULO 3..... | 26 |
| Justificação e pertinência da pesquisa..... | 26 |
| CAPÍTULO 4..... | 28 |
| Enquadramento teórico e conceptual | 28 |
| 4.1. Discussão teórica | 28 |

| | |
|---|----|
| 4.2. Discussão conceptual..... | 32 |
| 4.2.1 – Sociabilidade..... | 32 |
| 4.2.2 – Interacção Social..... | 33 |
| 4.2.3 - Lixo..... | 35 |
| 4.2.4 – Identidade Social..... | 36 |
| CAPÍTULO 5..... | 38 |
| Discussão metodológica..... | 38 |
| 5.1. Métodos de procedimento e de abordagem | 38 |
| 5.2. Técnicas de pesquisa de campo | 38 |
| 5.3. Principais constrangimentos no processo da pesquisa..... | 40 |
| CAPÍTULO 6..... | 42 |
| Apresentação dos resultados da pesquisa | 42 |
| 6.1. Localização geográfica e caracterização espacial da Lixeira de Hulene | 42 |
| 6.2. Perfil social e caracterização dos interlocutores | 43 |
| 6.3. O contacto com os interlocutores..... | 45 |
| 6.4. O dia a dia na lixeira: uma descrição da actividade de recolha de lixo | 46 |
| 6.5. Tipo e finalidade de resíduos recolhidos | 52 |
| 6.6. A lixeira e os lixeiros vistos pelos vizinhos..... | 53 |
| CAPÍTULO 7..... | 56 |
| Sociabilidade e identidades sociais na lixeira de Hulene..... | 56 |
| 7.1. Lixeira de Hulene: um “mundo” de interacções sociais | 56 |
| 7.2. Lixo e lixeira: dois conceitos problemáticos | 59 |
| 7.3. Por uma construção da identidade social dos apanhadores de lixo | 61 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 67 |
| BIBLIOGRAFIA | 69 |
| ANEXOS | 72 |

INTRODUÇÃO

A cidade Maputo é o maior centro urbano de que o país dispõe; segundo dados do Censo 2007, vivem em Maputo cerca 1.2 milhões de habitantes e que não necessariamente nativos desta cidade. Maputo é, ao mesmo tempo, o centro urbano em que mais lixo se produz no país: segundo informações postas a circular pela Televisão de Moçambique (TVM, 2008), quase 3 mil toneladas de lixo são produzidas diariamente nesta cidade; lixo que é, maioritariamente, depositado na Lixeira Pública de Hulene, situada arredores do centro da cidade, Bairro de Hulene, Distrito Municipal de KaMavota.

Na lixeira de Hulene, apanhadores de lixo de várias origens, de ambos sexos e de várias idades, “excluídos da ordem social vigente em Moçambique e dos benefícios do bem-estar” (Colaço, 1998:27), têm procurado sua alternativa de sobrevivência, recolhendo lixo para várias finalidades. É sobre o quotidiano dos apanhadores de lixo da lixeira de Hulene que vamos falar nesta monografia.

O tema desta monografia é *estudo sobre a lixeira de Hulene como espaço de sociabilidade* e o objectivo central da mesma é compreender a lixeira de Hulene como um espaço de sociabilidade. O alcance deste objectivo será possível através de análises e observações à forma como os lixeiros se relacionam, aos tipos de laços estes estabelecem e à forma como podemos olhar para estes enquanto um grupo identitário. O estudo da relação que estes mantêm com os vizinhos da lixeira também será objecto de nossa análise.

Neste estudo, entendemos que os lixeiros interagem e constroem relações sociais condicionados pelo meio em que se encontram e pela actividade que exercem. Diante disso, estas relações se apresentam características sociologicamente apreensíveis e analisáveis para melhor descrição do quotidiano e da identidade social deste grupo. É com base nestes pressupostos e na perspectiva de análise de sociabilidade que desenvolvemos nossa pesquisa sobre o dia a dia na lixeira de Hulene.

Nosso estudo focaliza as dimensões interactivas e identitárias dos actores sociais no contexto da lixeira. O nosso problema central consiste em perceber a natureza e as características das interacções e das relações sociais desenvolvidas naquele espaço e, sobretudo, como estas interacções e relações sociais participam na construção deste local enquanto um espaço de sociabilidade e de formação de identidades.

Como pré-respostas ao nosso problema, entendemos que os lixeiros interagem num espaço em que procuram sobreviver e as relações e interacções sociais por eles desenvolvidas naquele contexto são estruturadas pelas características e finalidades específicas dos resíduos que cada um recolhe. Mais ainda, partimos de pressuposto também que é neste contexto que os apanhadores de lixo constroem uma forma própria de se verem a si e aos indivíduos com quem interagem, afirmando-se assim enquanto um grupo identitário.

Em termos teóricos escolhemos a *teoria de sociabilidade de Georg Simmel (1983)*. Este autor entende que a sociedade se forma a partir dos processos interactivos entre os actores sociais e a sua abordagem nos permite lançar um olhar sobre as características das múltiplas relações e interacções que se desenvolvem na lixeira bem como, o que estrutura tais relações interacções e as dinâmicas que movem a sociabilidade naquele espaço.

Conscientes ou inconscientes das relações que desenvolvem na lixeira, é a partir das suas interacções e devido ao contexto e situação em que se encontram que os lixeiros criam um universo simbólico³ e formas próprias de ver o mundo que os rodeia. A sociabilidade naquele espaço se constrói a partir das interacções sociais entre os indivíduos que ali recolhem e reaproveitam o lixo. É nestas interacções que se formam as identidades dos lixeiros e, por esta razão, neste estudo a perspectiva de sociabilidade foi secundada por abordagens interaccionistas sobre construção de identidades sociais.

Os conceitos principais que usamos para captar e compreender o nosso objecto de estudo são *sociabilidade, interacção social, lixo e identidades sociais*. Operacionalmente, invocamos a sociabilidade para compreender como as interacções sociais desenvolvidas naquele espaço e com

³ Gestos, linguagem, vestuário e truques (Turner, 1998); naquele contexto, estes são os mecanismos que os actores sociais usam para se comunicarem na actividade de recolha de lixo e durante os períodos de permanência na lixeira;

aquele espaço concorrem para a formação de espaços de sociabilidade e do grupo identitário dos lixeiros. Relativamente ao conceito *lixo*, procuramos trazer uma abordagem problematizante a volta do mesmo ou seja, buscamos discutir a validade conceptual e contextual do mesmo.

Pautando por uma abordagem hipotético-dedutiva e por um procedimento monográfico, nosso estudo foi possível através da combinação de algumas técnicas e métodos específicos entre eles, a pesquisa documental e a revisão bibliográfica, as observações directas na lixeira e as entrevistas e conversas com os interlocutores ligados directa ou indirectamente à mesma. A nossa amostra para estudo de campo foi composta por 22 indivíduos entre lixeiros, vizinhos da lixeira e o pessoal do Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM).

Acreditamos que o nosso estudo é pertinente e relevante na medida em que trás uma discussão sociológica que apresenta um ponto de vista sobre a lixeira, não só como um espaço de depósito de resíduos sólidos e como um espaço de reprodução da pobreza mas também, e sobretudo, como um espaço em que emerge um grupo cujos integrantes interagem como seres sociais e constroem ali um espaço de sociabilidade. Os apanhadores de lixo não só recolhem lixo mas também, se constituem como um grupo que tem mecanismos próprios de organização, modalidades próprias de interacção social cuja identificação e análise, são importantes contributos para a Sociologia.

Esta monografia comporta sete capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à apresentação da contextualização do estudo; é neste capítulo onde é discutido o enquadramento do nosso tema no contexto actual das discussões à volta dos lixeiros e do lixo. No segundo capítulo avançamos com a colocação do nosso problema de estudo: aqui apresentamos as abordagens que já foram discutidas sobre o tema bem como, o problematização, as hipóteses de trabalho e os objectivos do nosso estudo.

No terceiro capítulo apresentamos a discussão teórica e conceptual do estudo. Neste capítulo discutimos mais detalhadamente o nosso quadro teórico, mostrando de que modo este se enquadra no estudo e na compreensão da sociabilidade e construção de identidades no contexto da lixeira de Hulene. O mesmo acontece com os conceitos: estes serão definidos e aos mesmo tempo operacionalizados com o objecto e com os objectivos da nossa análise.

O quarto capítulo é reservado à apresentação e discussão dos métodos que seguimos durante todas as etapas que levaram à produção deste estudo. Aqui discutimos as técnicas e os procedimentos seguidos e também reservamos um sub-ponto para a apresentação dos principais constrangimentos que enfrentamos no processo de elaboração da monografia. No capítulo a seguir, no quinto, justificamos a pertinência do nosso estudo.

No sexto capítulo desta monografia apresentamos os resultados da nossa pesquisa. No primeiro ponto deste capítulo apresentamos a localização geográfica e espacial da lixeira; a seguir caracterizamos os nossos interlocutores para posteriormente descrevermos as atividades do dia naquele espaço bem como, discutirmos as características das relações entre os lixeiros e os vizinhos da lixeira.

O sétimo capítulo é reservado à discussão dos resultados da pesquisa. Neste capítulo apresentamos as nossas análises sociológicas sobre o que observamos e pesquisamos na lixeira de Hulene; são análises que serão fundamentadas pelos quadros teóricos e perspectivas de análise que escolhemos. É neste capítulo da monografia que discutimos a questão da constituição da lixeira enquanto um espaço de interações sociais, de sociabilidade e de construção de identidades. Por fim, apresentamos as considerações finais a que chegamos com o estudo.

CAPÍTULO 1

Contextualização das discussões do estudo

A lixeira de Hulene na cidade de Maputo é objecto de muitas discussões e críticas movidas sobretudo por organizações ambientalistas que entendem que a presença da mesma naquele local, um bairro residencial, é um atentado à saúde pública. O Jornal “O País” de 01 de Abril de 2009 refere que os moradores de Hulene estão agastados com a presença da lixeira naquele bairro porque são vítimas de doenças como cólera e diarreias causadas pela presença de muito lixo na zona.

Para responder a pressão de organizações ambientalistas, como é o caso da LIVANINGO, o CMMCM vem anunciando com mais consistência a ideia de que vai encerrar a lixeira de Hulene de forma a por fim à imundice naquele bairro. O jornal “Notícias” de 25 de Maio de 2007 indica que os Conselhos de Municipais de Maputo e Matola já indicaram um novo espaço para transferir seus depósitos de lixo urbano e que, inclusivamente, já haviam sido feitos estudos de viabilidade económica para proceder a transferência da lixeira.

É também frequente ouvir e ver através dos *media* relatos e reportagens sobre a vida na e a volta da lixeira de Hulene. Nestes relatos, e como referimos acima, destaque para a menção das reclamações da vizinhança bem como, para os relatos sobre como é viver do lixo. A versão online do Jornal “A Verdade” do dia 15 de Maio de 2009 faz um relato sobre como é difícil ser pobre que vive da recolha e reaproveitamento do lixo.

Desde que existe a chamada de atenção para a necessidade de se encerrar a lixeira assim como, tal necessidade é reconhecida e assumida como compromisso pelas autoridades municipais, a lixeira de Hulene é um problema ambiental e social por resolver; na actualidade, olham-se para os problemas por ela causados e cuja solução passa pelo encerramento da mesma. Porém, sobre a mesma lixeira, constroem-se interpretações e significados diferentes: se para uns – os produtores do lixo, organizações ambientalistas – a lixeira é um problema ambiental e de saúde pública, para outros – apanhadores e reaproveitadores do lixo – a lixeira é uma questão de sobrevivência.

Por cima do lixo da lixeira de Hulene, esse “espaço problemático”, um grupo considerável de indivíduos desenvolve suas actividades: falamos de apanhadores de lixo e de alguns vendedores de alimentos que têm lá suas actividades de subsistência. São indivíduos de origens e idades diversificadas, de ambos sexos e que buscam naquele espaço os seus recursos de sobrevivência; São os lixeiros, indivíduos que buscam no lixo, do lixo e na lixeira as suas fontes de renda e de uma vida digna.

A discussão que apresentamos nesta monografia orienta seu ponto de vista sobre o quotidiano destes indivíduos a quem vamos chamar lixeiros; buscamos perceber, fora das discussões ambientalistas e sobre saúde pública, a dimensão social constitutiva da lixeira enquanto um espaço socialmente construído, um espaço de sociabilidade e de formação de identidades sociais. A lixeira de Hulene é, mais do que depósito de lixo: ela é também um espaço em que há interações sociais entre aqueles que nela recolhem e reaproveitam o lixo.

Neste estudo, que aparece num contexto das discussões sobre os problemas trazidos pela lixeira e sobre o encerramento da mesma, apresentamos os elementos sobre os quais se assenta nossa visão, uma visão sobre a lixeira enquanto um espaço no qual se constrói e reconstrói um grupo social e identitário: o grupo dos lixeiros. É diante desta preocupação que procuramos responder a questão: como a lixeira de Hulene é um espaço de sociabilidade e de construção de identidades?

CAPÍTULO 2

Colocação do Problema

Neste capítulo da monografia procedemos a colocação do nosso problema de pesquisa. Aqui apresentamos uma discussão sobre como podemos captar o nosso objecto de estudo numa perspectiva sociológica e construímos também a base sobre a qual se assentam as análises e conclusões do estudo.

2.1. Revisão de Literatura

Antes de avançarmos para apresentação e discussão da perspectiva de análise que escolhemos para esta monografia, apresentamos os estudos e abordagens até agora desenvolvidos e a que tivemos acesso sobre a lixeira de Hulene e sobre outros espaços de concentração de lixo onde existem indivíduos que o recolhem e o reaproveitam para várias finalidades.

Estudos sobre “mundos problemáticos”⁴ e sobre grupos socialmente excluídos tem merecido algum destaque ao nível da academia. Contudo, ainda são escassos os estudos sociológicos sobre o quotidiano dos lixeiros e grande parte da informação existente sobre a matéria foi produzida por jornalistas dos diversos órgãos de comunicação social⁵ existentes no país.

Estudos realizados em Sociologia e Antropologia não divergem tanto quanto a análise do fenómeno da recolha e reaproveitamento do lixo pelos lixeiros da lixeira de Hulene e de outros pontos de grande concentração de lixo. De acordo com a literatura por nós visitada, estes estudos centram suas análises em duas perspectivas nomeadamente, na perspectiva de pobreza e exclusão social e na perspectiva de representações sociais sobre o lixo.

Na perspectiva de pobreza e de exclusão social – onde encontramos autores como Colaço (1999), Chefo (2003) e Serra (2003) – o objectivo central é mostrar como “a lixeira é um espaço que contribui para a reprodução de um sistema social que produz pobreza e exclusão sociais” (Chefo,

⁴ Termo criado por Serra (2003) para se referir ao quotidiano de grupos socialmente excluídos.

⁵ *VIDE bibliografia*. Ao longo de nossa pesquisa observamos que há um grande número de matérias jornalísticas que relatam situações de concentração e recolha de lixo.

2003:2). Nesta perspectiva, os apanhadores de lixo são estudados como um estrato social pobre e excluído socialmente e que tem na lixeira o seu último recurso de sobrevivência.

No entender de Chefo (2003), a lixeira de Hulene reproduz a pobreza na medida em que os indivíduos que nela recolhem lixo estão conformados com a sua situação e não questionam o sistema social que os excluiu, muito menos se organizam para o fazer. Assim, “a lixeira, tornada espaço de conformismo, contribui para a estabilidade e para a continuidade da ordem social em curso e, portanto, para a reprodução das desigualdades sociais” (Chefo, 2003:11).

Quem vai numa abordagem similar é Serra (2003). Este autor refere que os apanhadores de lixo são actores sociais excluídos “de uma dada ordem social [...] remetidos para a periferia do centro de bem-estar, tentando sobreviver [...], por um lado criticando os produtores da ordem social que os segregou, por outro aceitando e naturalizando o seu estatuto de excluído” (Serra, 2003:39). Assim entendidos, os apanhadores de lixo são habitantes de um “mundo problemático” em que os conflitos, a precariedade, a luta pela sobrevivência e subsistência são marcos de cada dia; um “mundo problemático” cujos actores contribuem para a reprodução da sua condição de pobres e excluídos socialmente.

Serra (2003) acrescenta que

“Os lixeiros são [...] uma família sociológica duplamente excluída: seja dos benefícios da ordem social vigente em Moçambique, seja do direito à normalidade que os outros, os “empreiteiros da moral” [...] em seu lugar definiram. Eles vivem com e no meio daquilo que os outros abandonaram ou deitam fora. Quase todos os estigmatizam” (Serra, 2003:40).

Ainda na perspectiva de pobreza e exclusão social, Colaço (1999) estudou a maneira como os “lixeiros, enquanto grupo social excluído, se constroem identitariamente através dos seus mecanismos de reprodução socio-económica e dos seus espaços simbólicos e relacionais de sobrevivência” (Colaço, 1998:29). Para este autor, viver do lixo tem um duplo significado: significa, por um lado viver do que é recolhido na lixeira e vendido e, por outro lado, significa alimentar-se e vestir-se do que é recolhido no lixo.

De acordo com Colaço (1999), as condições degradantes nas quais os lixeiros de Hulene operam – espaço muito sujo, cheiro desagradável causado pela existência de produtos em avançado estado de decomposição – não afectam as actividades aí desenvolvidas. Descrevendo o dia a dia dos lixeiros, este autor observou que

“Ali [na lixeira de Hulene] a vida é intensa: a esperança renova-se diariamente com a chegada do camião carregado de lixo e de agentes sanitários, as disputas e as rixas são frequentes pelo monopólio do “melhor” lixo, surgem por vezes agressões a pessoas estranhas ao local ou ao motorista quando o lixo não é de “boa qualidade”, ouvem-se, constantemente, lamentações devido à vida difícil que ali se leva” (Colaço, 1999:40).

A segunda perspectiva que encontramos é a das representações sociais sobre o lixo. Numa pesquisa realizada na lixeira de Mahlampsene no município da Matola, Ali (2009) observou que “as percepções sobre o lixo entre os catadores⁶ estruturam-se em torno de estratégias que visam a sua sobrevivência no quotidiano. A noção de utilidade é o marco divisor sobre aquilo que é ou não recuperável” (Ali, 2009:38).

Dessa observação, o autor afirma que as percepções e representações sociais sobre o lixo em Mahlampsene derivam da utilidade que o mesmo pode ter no preenchimento das necessidades do catadores. Mais ainda, “a procura e respectiva compra dos objectos despejados na lixeira pelos revendedores estrutura as percepções sobre o lixo entre os catadores” (Ali, 2009:3).

Usando pressupostos *fenomenológico-constructivistas*, o autor argumenta que a lixeira de Mahlampsene é um espaço em que se constroem novas dinâmicas na estrutura social das comunidades que vivem em redor da mesma; fora isso, os catadores de lixo são actores sociais com hábitos e costumes adquiridos na vida quotidiana e no contexto da lixeira através do contacto e manuseamento de objectos sólidos.

Ali (2009) avança com algumas prováveis causas que levam os indivíduos a terem na lixeira o espaço onde desenvolvem as suas actividades de subsistência; segundo as observações do autor, “o desemprego, o baixo nível de escolaridade, a fraca ou nenhuma qualificação técnica são

⁶ Apanhadores de lixo.

alguns exemplos explicativos que levam os indivíduos a viverem do lixo, a lixeira torna-se alternativa de sobrevivência” (p. 2).

No nosso ponto de vista, estas perspectivas apresentam discussões pertinentes sobre a presença de actores sociais em espaços de concentração de lixo; suas perspectivas viraram-se sobretudo para a descrição das condições nas quais operam os apanhadores de lixo bem como, para análise dos significados que estes atribuem ao lixo. A nossa perspectiva traz um elemento novo: a necessidade de olharmos para os locais de concentração de lixo como espaços onde se constroem e reconstroem relações sociais, espaços com dinâmicas e características próprias. No ponto que se segue apresentamos a nossa perspectiva de análise.

2.2. Formulação do problema

A nossa perspectiva de análise – ainda que diferente – complementa as que acabamos de apresentar pois, com ela procuramos compreender aspectos referentes às interacções entre os lixeiros durante os períodos de permanência e de recolha de lixo e, sobretudo, procuramos perceber como essas interacções permitem olhar para a lixeira de Hulene enquanto um espaço de sociabilidade e de construção de identidades sociais.

Para perceber, primeiro, as interacções sociais na lixeira configura-se fundamental analisar a comunicação, a linguagem, os gestos, os signos, entre outros aspectos que nos remetem à dimensão interactiva entre os actores sociais; e, segundo, para perceber como a lixeira é um espaço de sociabilidade, há que penetrar nos laços e relações que os apanhadores de lixo estabelecem entre si bem como, a forma como estes se organizam durante a actividade de recolha de lixo.

Na perspectiva de sociabilidade – com a qual trabalhamos na nossa pesquisa – procuramos perceber como estão estruturadas as interacções sociais entre os lixeiros no quadro da actividade de recolha de lixo. Procuramos perceber também como estas influem na organização do quotidiano dos lixeiros, nos laços estabelecidos na lixeira e como estas tornam este “mundo problemático” um espaço de formação de identidades.

O nosso ponto central de análise consiste em perceber a lixeira [*de Hulene*] como um espaço em que se constroem e reconstroem relações e interações sociais e que são objecto de análise na medida em que são construídas e reconstruídas num “mundo problemático” e precário, onde a luta pela sobrevivência é a característica comum de todos. Vejamos porquê.

Em qualquer espaço em que estejam a interagir, os seres humanos se mantêm sociáveis ou seja, se relacionam e interagem uns com os outros e “se agrupam em unidades que satisfazem os seus interesses” (Simmel, 1983:166). Quando analisamos a sociabilidade nos referimos às múltiplas relações que os indivíduos estabelecem dentro de determinados grupos desde que tais relações não sejam movidas por um interesse de formar uma unidade de actividade.

Nas relações em causa – citando Simmel (1983) – os atributos subjectivos dos indivíduos em interacção não representam nenhum papel no quadro das interacções ali desenvolvidas. Em outras palavras, a posição social, o *status* social, as origens, a cultura, o mérito, *etc.* não participam da construção da sociabilidade pois a lógica da mesma está na satisfação dos que nela participam.

Mesmo num “mundo problemático” os seres humanos se mantêm sociáveis, se relacionam, interagem uns com os outros e se afirmam identitariamente. A lixeira de Hulene não se encontra distante desta lógica: tal como mencionado nos estudos anteriores, indivíduos de ambos sexos, de várias origens e idades exercem sua actividade de recolha e reaproveitamento do lixo e são movidos para lá pelo interesse de sobreviverem.

No nosso entender, a lixeira se constrói e se reconstrói enquanto um espaço de sociabilidade também na medida em que os actores sociais que ali interagem estão “despidos” de seus atributos subjectivos individuais. Mais ainda, os lixeiros são actores sociais que se agrupam e se relacionam num espaço onde buscam recursos para a sua sobrevivência através da recolha e do reaproveitamento daquilo que os “outros” consideram lixo. Os resultados da nossa pesquisa demonstram esta perspectiva de análise.

As interacções sociais desenvolvidas no contexto e espaço que estudamos apresentam características sociologicamente observáveis: partimos de princípio acontecem entre actores

aparentemente “iguais” ou seja, acontecem entre indivíduos cujo objectivo é tirar maior e melhor proveito do lixo, situação que leva a concorrência e disputas pelo “melhor lixo”.

São interacções sociais – que nalgumas vezes são violentas – estruturadas pela forma como desenrola a actividade de recolha de lixo bem como, estruturadas pelo tipo de lixo que cada um dos intervenientes recolhe. Contudo, nem sempre os lixeiros se encontram em actividade de recolha de lixo; estudar e perceber como os lixeiros interagem nestes períodos é também um dos pressupostos fundamentais para perceber como é edificada a sociabilidade naquele espaço.

Por cima e a volta do lixo de Hulene se constroem relações e interacções que concorrem para a formação de grupos identitários, com determinadas características e cuja estrutura se assenta nas representações e percepções sociais a volta do lixo. Os apanhadores de lixo são seres sociais, produtos da socialização a que a sociedade os submeteu e, sendo actores sociais, estes interagem e se relacionam independentemente do espaço físico em que se encontram. Assim, a lixeira enquanto espaço de sociabilidade, é uma construção social na medida em que os actores que nela interagem se conhecem enquanto lixeiros, enquanto indivíduos que tem na actividade de recolha e reaproveitamento do lixo a sua fonte de reprodução socio-económica.

Tal como dissemos antes, a lixeira se constrói a partir das relações que se estabelecem entre os actores sociais que nela interagem e, independentemente das características de tais relações – conflito ou cooperação – prevalece a capacidade dos seres humanos em se relacionarem uns com os outros. Há também a questão da formação da identidade ou seja, a forma como os lixeiros se constituem enquanto um grupo identitário e para captar esta dimensão, buscamos perceber como os lixeiros se vêem a si a aos indivíduos com quem interagem.

Resumindo, o nosso problema central consiste em perceber a natureza e as características das interacções e das relações sociais desenvolvidas no contexto da lixeira e, sobretudo, como estas interacções e relações sociais participam na construção da lixeira de Hulene enquanto um espaço de sociabilidade e de formação de identidades. Definido o problema sob o ponto de vista acima mencionado, a questão de partida para esta pesquisa fica da seguinte maneira:

→ *Diante das múltiplas relações que se estabelecem entre os lixeiros no contexto da actividade de recolha e reaproveitamento de lixo, como é que a lixeira de Hulene se constrói enquanto um espaço de sociabilidade e de formação de identidades?*

2.3. Hipóteses

As hipóteses com as quais desenvolvemos a nossa pesquisa são:

Hipótese 1:

→ *Interagindo num espaço em que todos são movidos pelo interesse comum de sobrevivência, as relações e interações sociais entre os lixeiros são estruturadas pelas características e finalidades específicas do lixo que cada um recolhe naquele espaço;*

Hipótese 2:

→ *É no contexto das relações que estabelecem no quadro da actividade de recolha de lixo que os lixeiros de Hulene constroem uma forma própria de se verem a si e aos indivíduos com quem interagem, constituindo-se assim como um grupo identitário;*

2.4. Objectivos

Objectivo Geral

É objectivo principal desta pesquisa:

→ Estudar a lixeira de Hulene como um espaço de sociabilidade;

Objectivos específicos

São quatro os nossos objectivos específicos. O primeiro consiste em analisar como os lixeiros se constituem enquanto um grupo identitário; o alcance deste objectivo foi possível através da identificação das características das relações que estes mantêm com o mundo em redor bem como, na identificação dos estereótipos e classificações que estes se auto atribuem ou são atribuídos por aqueles com quem interagem.

O segundo objectivo específico, fundamental para perceber a questão da sociabilidade, é analisar como se relacionam e que tipo de laços estabelecem os lixeiros durante os períodos de permanência na lixeira, independentemente de estarem ou não a recolher lixo. É diante dessas relações que partimos para o terceiro objectivo específico que é compreender como se organizam os lixeiros para exercerem a actividade de recolha de lixo; relativamente a este objectivo, procuramos captar as possíveis lógicas de organização de actividades, próprias e características daquele espaço.

Por fim, o quarto objectivo específico: estudar como, a partir das interacções na lixeira, os apanhadores de lixo constroem exprimem opiniões, sentimentos e representações sociais sobre o mundo que os rodeia. Aqui, destaque vai para a necessidade de identificarmos os territórios e mundos sociais a que os lixeiros dizem pertencer, em função da sua ocupação.

CAPÍTULO 3

Justificação e pertinência da pesquisa

A Lixeira Pública de Hulene é o principal destino dos resíduos sólidos produzidos na cidade de Maputo. Desde a sua criação, que remota do tempo colonial, vivem dela indivíduos de várias origens e idades e que tem no lixo a sua fonte de subsistência.

Várias discussões e debates sobre a lixeira e sobre os lixeiros de Hulene têm sido feitos nos órgãos de comunicação social e em vários círculos sociais⁷. Tais debates tendem a olhar para este fenómeno como problema social por ser combatido e na origem desta forma de pensar está o facto de, do ponto de vista ambiental e de saúde pública, a lixeira de Hulene ser um lugar impróprio para habitar e frequentar bem como, o facto da lixeira estar localizado no bairro densamente povoado sendo que, a presença da mesma naquele local é considerada um atentado à saúde pública.

A presença de uma lixeira num determinado local, no caso vertente da lixeira de Hulene em Hulene, é considerada um factor de imundice pois, o lixo está quase sempre associado ao aparecimento de doenças e epidemias como a malária e a cólera que ciclicamente afectam a população de Maputo. Há também a questão de preservação do meio ambiente pois, ao que nos consta, são poucas as unidades que se dedicam ao tratamento e reciclagem do lixo e aquilo que não é aproveitável nos grandes pontos de concentração de lixo é queimado, espalhando enormes nuvens de fumaça e poluindo o ar respirado arredores desses pontos de concentração de lixo.

Contudo, apesar destes contra-indicativos da presença do lixo num determinado local, na lixeira de Hulene há quem vive da actividade de recolha e reaproveitamento de lixo das mais diversas espécies: restos de comida, roupa velha, mobiliário estragado, papelões, recipientes descartáveis, etc. Em outras palavras, o que é lixo para uns é fonte de sobrevivência para outros.

Diante do acima exposto e apesar de existirem estudos feitos sobre a vida dos lixeiros e sobre a lixeira de Hulene, mais estudos sociológicos sobre o fenómeno em causa se tornam necessários. Mais do que olhar para a lixeira de Hulene como um atentado a saúde pública e ao meio

⁷ Por exemplo: Jornal Noticias, 25.05.2007: *Municípios dão luz verde à lixeira de Mathlemele.*

ambiente, há que percebê-la como um espaço em que interagem indivíduos dos mais diferenciados estratos etários, das mais diferenciadas origens e que têm na recolha de lixo uma actividade de subsistência. Há que penetrar no “mundo” dos lixeiros e percebê-los como um grupo social com mecanismos próprios de interacção e de reprodução social, influenciados pelo meio em que interagem.

Nesta pesquisa, tomamos como ponto de partida, o facto de interagirem na lixeira [*através de símbolos códigos e gestos*] actores sociais que produzem representações sociais e atribuem significado e interpretação ao mundo que os rodeia influenciados pelo meio social em que se encontram e interagir [*a lixeira*]. Deste modo, a lixeira de Hulene é um espaço de sociabilidade pois, nela se estabelecem laços e relações entre os lixeiros que, no quadro das suas interacções, exprimem opiniões, representações, informações sobre o seu quotidiano e sobre o mundo que os rodeia e se constituindo assim como um grupo identitário.

Ao estudarmos a lixeira de Hulene como espaço de sociabilidade, analisamos também a forma como é construído o universo simbólico que permite a interacção entre os lixeiros pois, acreditamos que, mais do que recolher lixo, os apanhadores de lixo interagem e, em virtude disso, constroem significações sobre o mundo que os rodeia. Foi por isso que estudamos a forma como os apanhadores de lixo interagem no contexto da actividade de recolha de lixo e de que modo essa interacção torna a lixeira um espaço de sociabilidade.

A nossa pesquisa é pertinente e relevante na medida em que trás uma discussão sociológica que centra seu ponto de vista sobre a lixeira, não só como um espaço de depósito de resíduos sólidos e um espaço de reprodução da pobreza mas também, e sobretudo, como um espaço em que emerge um grupo cujos integrantes interagem como seres sociais e constroem ali o seu espaço de sociabilidade. Os apanhadores de lixo não só recolhem lixo mas também, se constituem como um grupo que tem mecanismos próprios de organização, modalidades próprias de interacção social cuja identificação e análise, são importantes contributos para a Sociologia.

CAPÍTULO 4

Enquadramento teórico e conceptual

Neste capítulo da monografia apresentamos as discussões teóricas e conceptuais do estudo. Aqui discutimos e operacionalizamos a teoria de base e os conceitos na captação do objecto de estudo.

4.1. Discussão teórica

Na elaboração desta monografia usamos a *teoria de Sociabilidade de Georg Simmel (1983)*. A análise central de Simmel (1983) não consiste em perceber nem o indivíduo, nem a sociedade em si; este autor estava preocupado com a interacção social que, no seu entender, é criadora tanto do indivíduo como da sociedade. Assim, a sua abordagem de estudo era microssociológica pois, abordava a construção das mais pequenas situações de interacção social.

Para Simmel (1983), a sociedade parte da interacção entre os indivíduos e comporta uma distinção entre forma e conteúdo. Nesta concepção, os indivíduos tendo diversas motivações (paixões, desejos, angustias etc.) conteúdos da vida social, interagem a partir delas e se transformam em uma unidade. Esses conteúdos isolados não são sociais. A sociação “é a forma (realizada de incontáveis maneiras) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (Simmel, 1983:166); assim, a forma e conteúdo são elementos inseparáveis.

Na perspectiva do autor, independentemente das características e dos conteúdos da sociação – cooperação ou conflito – os actores sociais interagem, se relacionam e constroem os espaços de sociabilidade; a sociedade, para este autor, se refere, de forma geral, à interacção entre os indivíduos independentemente do que os move a tais interacções – é a sociabilidade, uma forma lúdica de sociação.

Analisando a sociabilidade, o autor parte de princípio que a sociedade se constitui a partir das interacções sociais entre os indivíduos, interacções que visam a realização de conteúdos materiais individuais e, por causa disso, há uma valorização da sociação pelos indivíduos. A

partir deste momento, a sociação ganha autonomia e, independentemente das motivações individuais, os indivíduos interagem, formam redes de relações sociais onde exprimem os seus pontos de vista sobre o quotidiano. É por esta razão que o autor designa a sociabilidade como “uma forma lúdica de sociação” (Simmel, 1983:167) por ela ser independente das motivações dos que dela participam.

O objectivo central de Simmel (1983) é captar os processos de sociação no momento em que estes se manifestam, naqueles momentos em que os indivíduos interagem e constroem relações sociais uns com os outros. Neste processo, a reciprocidade é um dos elementos fundamentais com os quais podemos perceber a acção dos indivíduos: em outras palavras, os indivíduos alteram os cursos de suas acções quando se encontram em situação de interacção, eles se influenciam mutuamente.

De acordo com a abordagem do autor, e tal como referimos anteriormente, uma das características fundamentais de uma sociabilidade é o facto de não participarem da construção dela os atributos individuais dos actores sociais em interacção. A sociabilidade

“Não tem propósitos subjectivos, nem conteúdos, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito da lembrança dele [...] Quando interesses específicos (em cooperação ou conflito) determinam a forma social, são esses interesses que impedem os indivíduos de exhibir sua peculiaridade e singularidade.” (Simmel, 1983:170).

O argumento do autor é que a sociabilidade é uma forma de reunião na qual nenhum interesse egoísta ou atributo característico individual orientam as relações que se desenvolvem entre os indivíduos. Fora isso, mesmos os traços “mais genuína e profundamente pessoais da vida de alguém, o carácter, a disposição e o destino, devem igualmente ser eliminados como factores de sociabilidade” (Simmel, 1983:170).

Independentemente de conscientes ou inconscientes do momento de sociação, a lógica da sociabilidade está no prazer ou na satisfação que os indivíduos obtêm daí. Na construção da sociabilidade, o indivíduo entra para a relação com outros indivíduos “despido” de seus atributos

interiores e exteriores, equipado somente atracções e interesses – os quais pode satisfazer na unidade ou no grupo no qual penetra. Para Simmel (1983),

“A sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente o mais eventualmente atraente tipo de interacção, a *interacção entre iguais* [...] A sociabilidade é um jogo no qual se “faz de conta” *que* são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular” (Simmel, 1983:173).

Assim, o indivíduo funciona como parte de uma colectividade. A tarefa da sociabilidade é estabelecer relações entre os indivíduos, ainda que estas possam ocorrer espontaneamente; o marco característico principal que podemos encontrar na sociabilidade é a *conversaço*. Na óptica de Simmel (1983), na sociabilidade, a conversaço está ao serviço das interacções e relações que se estabelecem no momento sociável.

No caso concreto da lixeira de Hulene, entendemos que esta é um *locus* de interacções entre indivíduos de ambos sexos, de diferentes origens, idades e culturas; ou seja, a lixeira de Hulene é um espaço de interacções sociais entre actores com as mais diversificadas características. Por cima e a volta do lixo de Hulene se forma e se consolida um grupo indivíduos que se dedica à recolha e reaproveitamento do lixo para várias finalidades; designados lixeiros, catadores ou apanhadores de lixo, os actores sociais deste grupo – movidos à lixeira pela necessidade de sobreviverem – interagem e se relacionam num espaço onde desenvolvem as suas actividades de subsistência.

São as interacções e relações que se desenvolvem “por cima do lixo” e que nos fazem olhar a lixeira de Hulene enquanto um espaço de sociabilidade. A luz da abordagem simmeliana, trabalhamos com dois pressupostos para analisar a lixeira de Hulene. O primeiro pressuposto: os lixeiros não se constituem enquanto uma unidade de actividades com fins e objectivos definidos colectivamente e perseguidos por todos integrantes do grupo. Movidos àquele espaço pela necessidade de sobreviverem, os lixeiros integram a lixeira pois este é o espaço onde podem desenvolver actividades que visam esse fim.

Sejam quais forem os interesses, as motivações e os objectivos que cada um persegue naquele local, o facto é que na lixeira há interacções e relações sociais que são estruturadas pelas actividades ali desenvolvidas; perceber e explicar essas interacções e relações, nos levará a entender este local enquanto um espaço de sociabilidade.

O segundo pressuposto: na lixeira todos indivíduos são aparentemente iguais pois, buscam sobreviver; seja qual for o passado, as origens, a cultura, o sexo e a idade dos actores sociais, naquele espaço os indivíduos renunciam “seus conteúdos objectivos e subjectivos e assim *modificam* sua importância externa e interna, a ponto de se tornarem socialmente iguais” (Simmel, 1983:173) e interajam num espaço onde todos buscam a sobrevivência.

Em outras palavras, a constituição da lixeira de Hulene enquanto espaço de sociabilidade não toma por consideração determinados atributos e características individuais de cada um dos actores que integra as actividades ali desenvolvidas. Assim, estamos diante de uma interacção social entre indivíduos aparentemente iguais na medida em que nenhum atributo individual e exterior àquele meio se constitui enquanto vantagem ou desvantagem no tipo de relações sociais ali desenvolvidas.

A *teoria de sociabilidade de Georg Simmel (1983)*, nos permite lançar um olhar sobre as características das múltiplas relações e interacções que se desenvolvem na lixeira, o que estrutura tais relações interacções bem como, que dinâmicas movem a sociabilidade naquele espaço. Para além do acima exposto, o que sustenta ainda a nossa escolha teórica é o facto de termos executado uma pesquisa que não visa analisar grandes estruturas pelo contrário, é um estudo sobre um “micro-mundo” de indivíduos que integram e interagem num espaço considerado problemático e precário.

Tal como nas abordagens de Simmel (1983), a nossa pesquisa é do domínio da microsociologia onde procuramos explorar e analisar os aspectos referentes à construção das mais elementares situações de interacções sociais. Para complementar a teoria de sociabilidade de Simmel (1983) e para perceber a forma como os lixeiros se formam enquanto um grupo identitário, usamos as teorias interaccionistas sobre construção de identidades.

Na questão das identidades, destaque para as abordagens de Dubar (1998), que entende que as identidades dos indivíduos se constroem num processo dual: por um lado a identidade por si e por outro lado a identidade por outrem. Ambas são inseparáveis e ligadas na medida em que a identidade por si é aquilo que dizemos ser em relação aos outros e por outrem aquilo que os outros dizem que somos; e ligadas de forma problemática na medida em que nem sempre o que os outros dizem que somos nós julgamos ser. A esta questão retornamos na conceptualização.

Usando esta perspectiva entendemos que nos processos interactivos entre si e os com o mundo que os rodeia, os lixeiros tem uma forma própria de se identificarem a si e aos outros, constituindo-se enquanto um grupo identitário. Sobre eles e sobre os outros, os lixeiros constroem um conjunto de representações e identificações feitas a base das categorias socialmente disponíveis.

4.2. Discussão conceptual

Os principais conceitos que usamos na pesquisa são: *sociabilidade*, *interacção social*, *lixo e identidades sociais*. A seguir vamos definir e operacionalizar cada um dos conceitos.

4.2.1 – Sociabilidade

A sociabilidade é referente a capacidade dos seres humanos em se manterem sociáveis, de conviverem uns com os outros, independentemente de tal convivência ser pacífica ou violenta. Segundo Beachler (1995), pode-se falar em sociabilidade “desde que se encarem as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo susceptível de funcionar como uma unidade de actividade” (p. 68).

Beachler (1995) acrescenta que nos grupos os indivíduos estabelecem relações das mais diversas características; grande parte dessas relações não tem qualquer relação directa com os fins do grupo. É precisamente neste ponto que, na óptica deste autor, podemos analisar a formação da sociabilidade, das diversas redes sociais que se formam no quadro das interacções que os indivíduos estabelecem no seu dia-a-dia.

A propósito da sociabilidade, Simmel (1983) refere que

“A sociedade propriamente dita é estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenómeno que chamamos de sociabilidade” (Simmel, 1983:168).

Em outras palavras, o autor define a sociabilidade como uma forma autónoma de sociação: se refere àquelas relações em que os indivíduos se agregam em grupos que satisfazem seus interesses contudo, tais grupos não tem objectivos por atingir e os indivíduos que deles participam estão “desprovidos” de seus atributos interiores e exteriores. Mais ainda, os indivíduos se relacionam independentemente das motivações que os levam a estar nos espaços onde desenvolvem tais relações.

As duas abordagens conceptuais se complementam e usando o conceito *sociabilidade* vamos analisar como se constroem as relações entre os lixeiros e que prováveis características têm tais relações. Os lixeiros estabelecem relações com diferentes características e estruturas naquele local, independentemente de estarem ou não a recolherem lixo. São essas relações que pretendemos captar pois delas, podemos lançar um olhar sobre a lixeira enquanto um espaço de sociabilidade.

Portanto, o uso do conceito *sociabilidade* está ligado à necessidade de percebermos a convivência e as relações na lixeira, dentro e fora das actividades de recolha de lixo contudo, durante os períodos de permanência na lixeira.

4.2.2 – Interação Social

Quando falamos da sociabilidade necessariamente somos remetidos ao conceito de *interacção social*, o segundo conceito que vamos definir e operacionalizar. Segundo Maia (2000), a

interacção social é o “processo através do qual as pessoas se relacionam umas com as outras num determinado contexto social” (p. 297).

A interacção social, largamente discutida pelos interaccionistas, consiste na emissão de sinais e gestos. Para Mead (1934)⁸, a interacção ocorre quando

“ (1) Um corpo emite sinais ao se mover em seu meio ambiente, (2) outro corpo vê esses sinais e altera seu curso de acção em resposta a eles, emitindo, assim, seus próprios sinais, e (3) o corpo original se torna consciente dos sinais desse corpo secundário alterando seu curso de acção à luz desses sinais” (Turner, 1999:62).

No entender dos interaccionistas, a interacção social é simbólica na medida em que os gestos e sinais emitidos e recebidos neste processo são culturais e, a priori, tem significados que devem ser entendidos pelos agentes em interacção. A interpretação e construção dos significados dos objectos são que vão determinar a acção dos indivíduos numa determinada situação social em que se encontram a interagir com os outros.

Como dissemos antes, a lixeira de Hulene é um *locus* de interacções sociais; nela, indivíduos de várias idades, de ambos sexos e de diferentes origens interagem num espaço físico [*lixeira*] e constroem múltiplas relações sociais; é por isso que a lixeira de Hulene deve também ser entendida como um espaço de interacções sociais.

Na lixeira, os indivíduos agem tendo em conta o significado das coisas que os rodeiam (lixo, necessidade de sobreviver); tais significados das coisas são construídos no processo de interacção entre os actores sociais; trata-se significados que “são manipulados através de um processo interpretativo desenvolvido pelas pessoas em interacção” (Silva, 1986:625). Os apanhadores de lixo estão em permanente processo de interacção social, uma interacção social estruturada e modificada pela lixeira e a volta da actividade de recolha e reaproveitamento do lixo.

⁸ *Op. Cit.* TURNER, Jonathan. *Sociologia: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: Makroon Books Editora, 1999.

Mais ainda, o significado do lixo para os lixeiros – fonte de sobrevivência – é criado e recriado nos processos interactivos entre estes bem como, nos processos interactivos com os produtores do lixo. Se, por um lado há quem deita algo porque para si não mais serve [*lixo*], por outro lado, entre os lixeiros é consenso que essas coisas, que não tem mais utilidade para alguns, podem ser apanhadas e reaproveitadas para várias e diferentes finalidades.

4.2.3 - Lixo

Relativamente ao conceito *lixo*, não existe uma definição única do que este é contudo, em todas definições que encontramos a ideia do lixo nos remete à inutilidade de certas coisas e objectos bem como, à imundice que a presença de determinadas coisas e/ou objectos podem representar num determinado espaço.

O Dicionário Enciclopédico Alfa (1992) define lixo como sendo “tudo que se varre de casa, da rua, do jardim, ou tudo que não serve na cozinha e que se deita fora. Coisas velhas, sem valor, sujidade” (p. 695). Por seu turno, Colaço (1999) define lixo como sendo “ o conjunto de objectos que deixou de ter utilidade e do qual nos desfazemos: caixas (...), papéis de todo o tipo, cadeiras, electrodomésticos avariados, bijuteria sem uso, peças de vestuário, restos de alimentos, etc.” (p. 34).

A definição de lixo, por ser problemática, sugere algumas análises e discussões: a questão central que se coloca é o alcance desta pois, objectos e coisas considerados lixo num contexto, não o são num outro contexto. Em outras palavras, o que é lixo para uns não lixo para outros e, por essa razão, muitos actores sociais – em função do contexto em que se encontram e da suas condições sociais – produzem definições variadas do que seja lixo.

O lixo é ou não é lixo em função de quem o define: produtor ou recolector. O lixo é algo sem utilidade para quem o produz e fonte de subsistência para quem o recolhe. Partindo deste pressuposto, será útil, para nossa pesquisa, compreender quais os significados sociais são construídos a volta do lixo tendo em conta que este é a fonte de subsistência dos que o recolhem.

A existência de muitas definições do lixo, contextualmente localizáveis, sugere ainda outra análise: o lixo estrutura as interações e relações sociais desenvolvidas num determinado contexto. Mais especificamente, sobre o lixo e a volta do lixo de Hulene se constroem determinadas interações e dinâmicas sociais estruturadas pelo facto de acontecerem numa lixeira onde determinados actores sociais reaproveitam o que outros consideram lixo.

É com este olhar problematizante que analisamos a construção do conceito lixo na lixeira e para tal buscamos perceber o que é lixo na perspectiva dos seus apanhadores. Assim, procuramos também perceber como é que os lixeiros definem os objectos que recolhem; a estas definições será acrescida uma discussão assente nas diferentes conceptualizações do lixo ao longo da apresentação dos resultados.

4.2.4 – Identidade Social

O último conceito que vamos usar é o de *identidade social*. Tratando-se de um grupo, começamos por definir o conceito de identidade colectiva. Segundo Boudon (1992), a identidade colectiva é a “aptidão de uma colectividade para reconhecer-se como grupo; qualificação do princípio de coesão assim interiorizado (identidade étnica, identidade local, identidade profissional); recurso que daí decorre para a vida em sociedade e a acção colectiva” (p. 160).

Entretanto, existe um processo de construção dessa identidade; a identidade social não é algo dado, mas uma construção e reconstrução numa incerteza entre aquilo que julgamos ser e o que outros julgam que nos somos, é nesta conjugação que formamos a nossa identidade social (Dubar, 1998). Uma identidade social que resulta da interacção do indivíduo com o meio em que se encontra, ela não é estática é sim dinâmica; evolui e varia a medida que a sociedade muda e a medida que os contextos mudam. Trata-se, portanto, à partir da interacção social, determinar ou saber “quem sou “eu” e o que o “outro” diz que “eu” sou; ademais eu “sou” eu na medida em que o “outro” existe.” (Dubar, 1998:34).

Para Dubar (1998), a identidade social se constrói através de dois processos:

1. Atribuição – é o momento em que a colectividade diz aquilo que o indivíduo é usando categorias socialmente disponíveis e mais ou menos legítimas a níveis diferentes, onde podemos destacar denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosos e neste processo o indivíduo não tem muito “espaço” para poder se auto-afirmar.
2. Interiorização – primeiro há que ter em conta a trajetória social do indivíduo, para segundo analisar a interiorização que o indivíduo faz às categorias sociais que lhe são atribuídas pelo grupo ou as instituições. O indivíduo passa a assumir e defender uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir da interacção deste com o meio social em que se encontra.

A atribuição e interiorização complementam-se, porque na construção das identidades o indivíduo passa pelos dois processos para firmar o que é, ele passa a ter algo que o identifica, que o faz ter um sentimento de pertença em relação a um determinado meio social. Uma vez mais, a dimensão relacional é o marco definidor das identidades sociais.

E com estes pressupostos estudamos como é que os lixeiros de Hulene se constituem enquanto um grupo identitário. Nesta análise o enfoque vai para a forma como são vistos e identificados os lixeiros pelos vizinhos da lixeira e por indivíduos alheios àquele meio. Ainda nesta análise, será também fundamental perceber como este grupo se vê a si e como tem sido quando se apresentam em outros espaços de sociabilidade.

CAPÍTULO 5

Discussão metodológica

Neste capítulo apresentamos os principais procedimentos metodológicos seguidos na produção da monografia. Aqui, apresentamos os métodos, as técnicas e os principais constrangimentos por que passamos durante o trabalho.

5.1. Métodos de procedimento e de abordagem

A nossa pesquisa é essencialmente qualitativa e em termos de abordagem optamos pelo método é *hipotético-dedutivo*. O método *hipotético-dedutivo* baseia-se na formulação de um problema e construção das possíveis respostas para o mesmo e que devem ser confirmadas pela pesquisa empírica. Em outras palavras, baseia-se na construção de uma problemática e de uma ou mais hipóteses que devem ser sujeitas a um processo de verificação através da observação ou pesquisa (Andrade, 2006). No nosso caso, definimos um problema – perceber como a lixeira de Hulene é um espaço de sociabilidade – e para a análise do mesmo construímos hipóteses que são respostas antecipada ao problema.

Em termos de procedimentos, o *método monográfico* ou *estudo de caso* é a base da nossa pesquisa. Este método consiste “no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades com a finalidade de obter generalizações” (Andrade, 2006:135). Operacionalizando, a nossa pesquisa é um estudo de caso sobre a lixeira de Hulene como um espaço de sociabilidade e a partir de algumas características e acontecimentos dentro da mesma, procuramos procuraremos fazer ilações sobre como é o quotidiano dos apanhadores de lixo na cidade de Maputo.

5.2. Técnicas de pesquisa de campo

Ainda a volta da metodologia, há um conjunto de técnicas que foram seguidas. A execução desta pesquisa foi possível através da combinação de duas técnicas: a observação directa sistemática e

as entrevistas e/ou conversas. O alcance dos propósitos desta pesquisa passou observação do quotidiano dos lixeiros, sua organização, a comunicação e a interacção no quadro da actividade de recolha e reaproveitamento do lixo e não menos, durante os períodos em que estes permanecem na lixeira.

Relativamente às entrevistas, procuramos perceber, através destas, percurso dos apanhadores de lixo, suas origens e expectativas bem como, as percepções que estes constroem a volta do mundo que os rodeia. A selecção dos entrevistados foi aleatória.

Durante a pesquisa de campo, tivemos momentos de observações directas no local onde fomos auxiliados por um diário de campo no qual, tomamos notas das nossas observações. Outrossim, por pretendermos perceber os actores sociais no seu contexto social, tivemos entrevistas e conversas com alguns lixeiros. Nas conversas e entrevistas com os lixeiros, procuramos perceber a história de vida de alguns actores, algo essencial na compreensão das relações sociais estabelecidas entre os lixeiros e, como essas relações tornam a lixeira de Hulene um espaço de sociabilidade.

As observações e as entrevistas foram auxiliadas por um grupo de questões abertas⁹ as quais os lixeiros reponderam abertamente, falando de si e do seu quotidiano naquele local abrindo espaço para outros questionamentos. As entrevistas tiveram um carácter de conversa pois, a medida que os lixeiros iam respondendo, mais questões surgiam e que nos ajudaram a compreender a sociabilidade naquele espaço. O mesmo procedimento foi repetido com relação aos vizinhos da lixeira.

Na pesquisa de campo foram entrevistados 22 interlocutores, 12 lixeiros, 6 vizinhos da lixeira, 2 vendedores na lixeira e 2 agentes do Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM). Como dizíamos, as entrevistas foram essencialmente exploratórias e para não criar distância social entre os pesquisadores e os interlocutores, não nos dirigimos à lixeira munidos de guiões de questões e de equipamentos de gravação ou produção de imagens. As fotografias aqui dispostas foram obtidas através de organizações ambientalistas, como é o caso da LIVANINGO, e retiradas de alguns jornais da praça, como é o caso do Jornal a Verdade.

⁹ Vide ANEXOS p. 63

Contudo, mesmo utilizando as técnicas e métodos previamente definidos e estudados, enfrentamos algumas dificuldades, sobretudo no terreno da pesquisa. No próximo ponto deste capítulo vamos apresentar mais detalhadamente os principais constrangimentos na nossa pesquisa.

5.3. Principais constrangimentos no processo da pesquisa

“De um modo geral, mas mais dramaticamente para quem estuda sua própria sociedade, coloca-se o problema de como o *cientista social* vai enfrentar os limites de homem de uma cultura ou de uma classe, segmento ou grupo social. Seja como participante de todo mais abrangente, seja como membro de uma das suas partes, sua visão do mundo estará marcada e, de alguma maneira, comprometida. Que tipo de trabalho é possível nestas condições?” (Velho, 1980:17).

Como dizíamos antes, o principal constrangimento que enfrentamos nesta pesquisa acontece na pesquisa de campo. Primeiro, antes de irmos à lixeira buscamos informações sobre os lixeiros e sobre o local e, de forma geral, a informação que nos chegava indicava que os apanhadores de lixo são indivíduos muito violentos e que agridem fisicamente todos indivíduos exteriores ao seu espaço de trabalho e de sociabilidade.

Essa pré-informação criou algum receio com relação ao nossos interlocutores e a entrada na lixeira foi hesitada contudo, com ajuda do pessoal do CCM e depois de caminhadas entre os amontoados de resíduos percebemos que era possível estabelecer diálogo com os lixeiros. Contudo, alguns recusaram-se a prestar qualquer declaração e outros começavam por hesitar querendo saber informações sobre as origens e objectivos do investigador.

Segundo, percorrer a lixeira foi um exercício muito difícil dada a existência no local de muito fumaça, odor forte e muitas moscas. É lógico que lá onde se encontra o grupo estudado contudo, como diz Velho (1980), por mais que estejamos aplicando todos métodos e técnicas, nalgum momento é difícil separar o *eu* investigador e o *eu* homem produto de uma sociedade, socializado e com valores incorporados.

De alguma maneira, a situação de muitos lixeiros e o seu dia a dia na lixeira, chama a sensibilidade de qualquer indivíduo e nesse contexto, para nós como investigadores fica comprometida a distância axiológica necessária para captar o objecto. Por mais que quiséssemos ou por muito científicos fossem nossos propósitos, foi-nos muito difícil ficar indiferentes às situações em que indivíduos recolhem e reaproveitam o que consideramos lixo e, principalmente, ver indivíduos recolhendo restos de comida para comer.

Terceiro, a língua. Muitas conversas que tivemos com os interlocutores, vizinhos e lixeiros, foram feitas em língua local, o *Changana*. Esse facto dificultou um pouco a comunicação dado que o *Changana* é uma língua não muito dominada por nós e a tradução de alguns extractos de conversas foi feita tendo em conta o sentido do que o interlocutor pretendia transmitir ou seja, não traduzimos literalmente suas palavras e sim, o sentido de suas palavras pois, algumas expressões e locuções são indiciais, inerentes ao contexto em que são produzidas e cuja tradução directa retira sentido ao que se pretende transmitir.

A aplicação de técnicas como conversas abertas foi o principal instrumento que usamos para superar as possíveis distâncias sociais que pudessem existir entre o pesquisador e o interlocutor; associado a isso, na nossa deslocação à lixeira nos despimos de todos sinais exteriores de diferenciação social ou seja, fomos ao campo sem equipamentos e aparelhos de som e imagem e vestindo de uma maneira que não despertasse muita atenção. Contudo, os lixeiros perceberam a priori que se tratava de indivíduo exterior àquele meio pela forma de locomoção sobre o lixo e pela maneira como desenrolavam as conversas.

Em muitos momentos fomos confrontados com a situação em que os nossos interlocutores viam no pesquisador a possibilidade de desabafarem e pedirem ajuda para mudarem sua condição; pediam ou esperavam que o investigador arranjasse emprego ou outra ocupação que não fosse de “sofrimento”. Foram situações muito difíceis de gerir dado que nosso interesse era puramente académico e nosso receio era “defraudar” tais expectativas. Porém, mesmo com estas dificuldades, acreditamos que a informação que colhemos é suficientemente analisável para compreender como é que a lixeira de Hulene é um espaço de sociabilidade e de construção de identidades.

CAPÍTULO 6

Apresentação dos resultados da pesquisa

Neste capítulo da procedemos a apresentação dos resultados da pesquisa. Aqui procuramos descrever o quotidiano na lixeira, a forma como se desenrolam as actividades e procuramos identificar a relação entre os lixeiros e os vizinhos da lixeira, uma base para a análise da construção social da identidade dos apanhadores de lixo.

6.1. Localização geográfica e caracterização espacial da Lixeira de Hulene

A pesquisa de campo decorreu na lixeira municipal de Hulene, também conhecida por “Bocaria”. Localizada a cerca de 10 km do centro da cidade de Maputo, esta lixeira é o principal destino dos resíduos sólidos produzidos na cidade capital; ocupa uma área de aproximadamente 2 km² e localiza-se no populoso bairro de Hulene arredores da cidade. É limitada na parte frontal pela Av. Julius Nyerere e nas partes laterais e traseiras, é cercada por um conjunto denso de habitações, maioritariamente construídas em blocos e chapas e ainda inacabadas.

O que separa estes conjuntos habitacionais do espaço reservado à lixeira são pequenas ruas arenosas e invadidas pelo lixo ali depositado. A lixeira localiza-se numa zona densamente habitada contudo, tal como relatam os residentes do bairro e a bibliografia por nós consultados (Cuna, 2004), a quando da sua criação em 1973, não haviam residências a volta da mesma; o êxodo rural causado pela guerra civil dos 16 anos e a demanda por espaços nas cidades a partir dos finais da década de 1980 são apontados como as prováveis razões que levaram algumas centenas de famílias a instalarem suas residências em volta da lixeira.

Na lixeira e arredores elementos como moscas, cheiro nauseabundo e de uma permanente fumaça fazem parte da paisagem na qual interagem os lixeiros e vivem os vizinhos da lixeira. No portão principal, o que marca a paisagem é o entra e sai dos camiões de lixo do CCM e empresas provedoras de serviços de limpeza na cidade; de segunda a sábado, chegam a entrar na lixeira até mais de 20 camiões por hora.

A fumaça, uma das características da lixeira, tem origem em vários focos de fogo; fogo que é feito com duas finalidades: alguns lixeiros aquecem naquele local restos de comida para se alimentarem enquanto outros, utilizam o fogo para queimar pneus e outros objectos para extrair arame, cobre, ferro e outros metais. Entre as grandes amontoados de lixo é frequente ver máquinas que redistribuem os resíduos sólidos pelo espaço da lixeira.

6.2. Perfil social e caracterização dos interlocutores

Estima-se entre 300 e 400 (Cuna, 2004) o número de indivíduos que recolhem resíduos sólidos em Hulene e, neste estudo, trabalhamos com um total 22 interlocutores que nos deram as informações necessárias para produzirmos a nossa monografia. São indivíduos com idades compreendidas entre 11 e 65 anos de idade, 10 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Destes, 12 são apanhadores de lixo, 6 são vizinhos da lixeira, 2 são vendedores na lixeira e 2 são agentes do CMCM que zelam pelo controle das entradas de resíduos sólidos naquele espaço.

Dos vizinhos da lixeira, 3 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino; dos lixeiros, 6 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Entre os vizinhos, o interlocutor com o nível de escolaridade mais elevado possui 12^a classe enquanto que, entre os apanhadores de lixo e vendedores, o indivíduo com maior nível de escolaridade possui 7^a classe frequentada. São indivíduos com os quais mantivemos conversas na lixeira e arredores donde procuramos obter informações que nos levassem perceber a sociabilidade e construção de identidades naquele espaço.

A seguir vamos apresentar características mais detalhadas dos integrantes de cada um destes grupos, sobretudo lixeiros e vizinhos da lixeira, de forma a compreendermos melhor o perfil social dos nossos interlocutores. A começar, os lixeiros.

Os apanhadores de lixo em Hulene são indivíduos com características diversificadas, de origens diferentes e que buscam naquele espaço as suas fontes de sobrevivência. Residentes nos bairros periféricos da cidade de Maputo – 8 em Hulene, 1 em Magoanine, 1 no Bairro Ferroviário (Xiqueleni) e 2 em Malhazine. Entre os lixeiros é possível encontrar crianças, adultos e idosos

que procuram, a medida das suas forças, recolher e tirar maior proveito dos resíduos sólidos que encontram.

No caso das crianças (3 no total, com idades entre 11 e 17 anos), algumas delas se deslocam à lixeira com seus pais e outras com os amigos. Aliás, há situações em que quase todos indivíduos que integram uma família se deslocam à lixeira para encontrar algo para se alimentarem, vestirem ou venderem. Os adultos (5 no total, com idades entre 30 e 65 anos), a excepção de um que é viúvo, todos restantes vivem maritalmente. Os jovens (4 no total, com idades entre 18 e 29 anos), todos tem filhos contudo, nem todos vivem maritalmente.

Sobre a lixeira também emerge um grupo de vendedores informais: são vendedores maioritariamente do sexo feminino e que vendem produtos alimentares para os lixeiros e camionistas que despejam lá resíduos sólidos. Esta actividade, desenvolvida em pequena escala, se reproduz na presença de indivíduos que desenvolvem lá suas actividades; entre os produtos vendidos, destaque para pão, *badjias*¹⁰, sumo e água; trata-se de uma actividade cuja existência e manutenção estão dependentes da presença de lixeiros e camionistas naquele espaço. No grupo de vendedeiras conversamos com duas vendedeiras, uma com 31 anos e outra com 33 anos, mães solteiras e que residem no bairro de Hulene.

Quanto aos vizinhos da lixeira, estes divide-se em dois grupos: o primeiro é daqueles que, de alguma maneira estabelecem uma relação directa ou indirecta com a lixeira; em outras palavras, são indivíduos que catam lixo na lixeira ou então arrendam seus quintais para os lixeiros que vivem longe poderem depositar lá os objectos que recolhem. Em algumas residências vizinhas é possível ver grandes amontoados de objectos plásticos e metálicos recolhidos na “Bocaria”.

Relativamente ao segundo grupo, este é composto por indivíduos que tem as suas residências em redor da lixeira contudo, não desenvolvem nenhuma relação directa ou indirecta com as actividades nela desenvolvidas. São indivíduos que desenvolvem suas actividades distantes da sua zona de residência e cujos filhos estudam nas escolas do bairro. A pertença a um destes grupos determina, como veremos adiante, a forma como cada indivíduo olha para a presença da lixeira e de lixeiros naquele espaço.

¹⁰ Pasteis caseiros muito frequentes na cidade de Maputo e que são feitos a base de feijão *nhemba*; são preferencialmente consumidos acompanhados de pão.

6.3. O contacto com os interlocutores

“Todos anos vocês vem aqui, levam nossos nomes e procuram saber das nossas vidas mas nós nunca vimos os resultados do vosso trabalho; não acontece nada nas nossas vidas” (Eulália, 30 anos, vendedeira na lixeira).

O contacto com os interlocutores, sobretudo com aqueles que desenvolvem actividades no interior da lixeira, foi caracterizado por momentos de expectativa e de desconfiança. Aliás, qualquer indivíduo que seja exterior àquele meio é facilmente identificável pelos trajés, pela maneira de falar e pela maneira como se desloca entre as “montanhas” de lixo lá existentes. Logo a nossa entrada, era visível nos semblantes o olhar desconfiado dos lixeiros e dos vendedores de comida no interior da lixeira.

À nossa entrada na lixeira, era frequente sermos confrontados com duas perguntas: “*quem são vocês? O que procuram aqui na “Bocaria”?*”. São questões levantadas no contexto da desconfiança e dos receios criados à volta da nossa presença no local. O extracto acima apresentado é reflexo dessa desconfiança inicial à nossa presença no local e por essa razão, cada vez que interpelávamos um indivíduo no interior da lixeira, começávamos por explicar as razões da nossa deslocação àquele espaço. É dessa explicação que nasce a expectativa:

“Não há emprego. Queríamos tanto trabalhar mas não encontramos empregos. Esperamos que o trabalho que vocês fazem sirva para nos ajudar a encontrar trabalho e deixarmos a vida de sofrimento que levamos aqui” (Adélia, 54 anos, apanhadora de pedras).

É do conhecimento dos lixeiros que o CMCM pretende encerrar a lixeira e quando aparecem por lá indivíduos ligados às instituições de protecção ambiental ou estudantes que desenvolvem lá os seus estudos, estes vêem nisso a possibilidade de “desabafar” sobre o sue quotidiano; vêem e acreditam que ambientalistas e estudantes para lá se deslocam porque é para enquadrá-los em outras actividades dado que a “Bocaria” vai encerrar. Aliás, os interlocutores fizeram menção a anteriores estudos e pesquisas que foram lá desenvolvidas e que ainda não viram os resultados concretos desses estudos nas suas vidas.

Sobre os lixeiros existem muitos estereótipos – marginais, drogados e violentos – e o facto de termos conhecimento destes estereótipos levou a algum receio dos investigadores. Contudo, no desenrolar das conversas, e pelo facto de pautarmos pelas entrevistas abertas, os interlocutores que desenvolvem suas actividades na lixeira foram se abrindo e falando do seu quotidiano naquele espaço. Algumas conversas foram em *Changana*, sobretudo aquelas que tivemos com indivíduos do sexo feminino; deste facto depreendemos que, entre os apanhadores de lixo, o grupo menos escolarizado e alfabetizado é o das mulheres.

Dois outros grupos fazem parte do grupo de interlocutores com quem trabalhamos: o pessoal de vigilância e controle instalado na lixeira e os vizinhos da mesma. Relativamente a estes grupos, o contacto foi menos difícil e mais aberto; o pessoal do CMCM dispôs-se a dar-nos todas as informações que precisávamos e no “entra e sai” de camiões de lixo, fomos tendo conversas que nos ajudaram a perceber a dinâmica criada e existente naquele espaço.

O mesmo sucedeu-se com os vizinhos da “Bocaria”. Estes também mostraram-se abertos e receptivos à nossa presença apesar da desconfiança em alguns momentos, sobretudo naquelas casas onde vivem indivíduos que recolhem lixo ou naquelas casas onde alguns lixeiros guardam os seus achados. Como dissemos anteriormente, existem dois grupos de vizinhos da lixeira: aqueles que desenvolvem lá as suas actividades ou que guardam os objectos recolhidos e aqueles que não tem nenhuma relação directa com a lixeira e como que de lá é recolhido, apenas instalaram suas residências nas proximidades da mesma.

6.4. O dia a dia na lixeira: uma descrição da actividade de recolha de lixo

“Aqui nós sofremos muito! Somos muitos que sofremos e que apanhamos pedras e restos de plásticos. Viemos com os nossos filhos porque estes também sofrem” (Hortênsia, 30 anos, apanhadora de lixo).

A actividade de recolha de lixo é descrita pelos seus fazedores como sendo muito dura a qual dificilmente um ser humano se habitua. É frequente os lixeiros fazerem menção à possibilidade de melhorarem suas vidas desenvolvendo actividades diferentes da que desenvolvem e em outros

locais onde trabalhar em condições melhores. Neste ponto deste capítulo, vamos descrever como decorrem as actividades de recolha de lixo no interior da lixeira de Hulene e para melhor exposição do observado, dividimos os lixeiros em três grupos: o primeiro, daqueles que “trepam” os camiões à entrada da lixeira, o segundo daqueles que recolhem resíduos no momento de despejo e, finalmente, o terceiro daqueles que circulam pela lixeira reaproveitando o que os outros deixaram para trás.

O primeiro grupo, o dos que “trepam” os camiões à entrada da lixeira, é considerado o grupo dos mais fortes. São jovens que se sentam em grupos na entrada principal da “Bocaria”, esperando pelos camiões que e camionetas que vão despejar lixo lá. Quando os camiões se aproximam, ainda na Av. Julius Nyerere, estes jovens “trepam” os camiões ainda em movimento até ao local onde estes depositam lixo; a ideia é vasculhar o “melhor lixo” antes do despejo do mesmo; “melhor lixo” composto basicamente por objectos de/contendo ferro, cobre ou outro metal.

Uma vez nas carroçarias, os lixeiros mais fortes vão atirando o que acham e quando o camião pára, estes descem e voltam para recolher os seus achados. Interessante é que tais objectos não são tocados por ninguém senão por quem os achou e atirou para o chão; deste facto depreendemos que existem implicitamente regras que demarcam o respeito pela propriedade alheia. Posteriormente, os objectos são amontoados nos locais onde se concentram enquanto se espera por outros camiões

Depreende-se daqui que existem relações de poder entre os lixeiros: aqueles que são mais fortes e que tem maiores habilidades para recolher lixo é que gozam do “privilégio” de recolher os objectos mais valiosos, neste caso, metais. Estes são conhecidos como mais fortes e habilidosos havendo, no entanto, lixeiros que não se acham fortes e que não podem disputar lixo nas mesmas circunstâncias com os outros.

Existe um segundo grupo, aquele que recolhe objectos no momento em que são despejados pelos camiões. Neste grupo, as disputas e discussões são muito frequentes pois, à medida que chega um camião, um grande número de indivíduos se concentra a volta dele, esperando o momento em que os resíduos estarão no chão para poder recolhe-los. A imagem que se segue nos dá uma imagem de um desses momentos.



Figura 2¹¹: Grupo de lixeiros cercando um camião no momento em que este despeja resíduos sólidos. Pela imagem, destaque para uma presença maioritária de mulheres e crianças.

Este grupo de apanhadores de lixo é maioritariamente composto por mulheres e crianças e os principais objectos recolhidos são restos de comida, roupa velha, utensílios domésticos inutilizados, papelão e plástico. A existência desta divisão por sexo e idade das actividades sugere também a existência de dinâmicas locais e próprias sobre a forma como é recolhido e reaproveitado o lixo. Mais adiante retornaremos à organização social das actividades na lixeira de Hulene.

Vamos agora falar do terceiro grupo. Este é composto por indivíduos que circulam pela lixeira procurando objectos e resíduos deixados para trás por outros lixeiros; são indivíduos que passeiam na superfície da lixeira e com recurso à instrumentos improvisados como *guinchos artesanais*, removem e vasculham o lixo e apanham qualquer objecto ou resíduo que seja aproveitável. Neste grupo, destaque para os apanhadores de pedras e apanhadores de comida de porcos; as pedras, estas são geralmente resultado dos entulhos produzidos nas obras da cidade de Maputo.

¹¹ Fonte: Jornal a Verdade On-line, Edição de 15 de Maio de 2009. Disponível em: http://www.verdade.co.mz/index.php?view=article&id=2443%3Aviver-na-gandaia-e-continuar-a-ser-gente&option=com_content&Itemid=53

À excepção dos instrumentos improvisados para remover os amontoados e os sacos onde metem os achados, os apanhadores de lixo de Hulene não usam instrumentos de protecção como luvas, botas e máscaras. Naquele espaço “todo mundo anda sujo”, revirando lixo com as próprias mãos e correndo riscos de sofrerem acidentes de trabalho. Geralmente, os trajés que usados naquele espaço são diferentes que são usados em outros espaços de sociabilidade: lidar com lixo, dizem os lixeiros, requer adoptar um conjunto de práticas e técnicas que tornem a actividade possível naquele espaço entre elas, usar trajés que estejam em consonância com as actividades ali desenvolvidas – roupa suja e rasgada, nalguns casos.



Figura 3¹²: Vasculhando lixo, grupo de mulheres e crianças reaproveitando tudo o que podem dos resíduos despejados por um camião.

Relativamente à estratificação de actividades, observamos que as actividades seguem lógicas próprias organização; organização inerente àquele espaço e que encontra explicação nas interacções entre os actores que lá interagem. Vejamos porquê: existem “jovens fortes” trepam os camiões à entrada e retiram um tipo específico de resíduos; existem homens adultos, mulheres e crianças que apanham lixo no momento em que este é despejado pelos camiões como também, circulam na lixeira recolhendo o que outros deixaram para trás. Implicitamente, existe uma

¹² *Idem.*

divisão das actividades e as relações entre os lixeiros circunscrevem-se à essa divisão e à finalidade específica do tipo específico de lixo recolhido.

Sobre os amontoados de resíduos sólidos é possível encontrar outros pequenos amontoados de objectos recolhidos pelos lixeiros. Geralmente, a medida que vão recolhendo objectos, os nossos interlocutores “arrumam-nos” no espaço da lixeira a espera do momento da retirada para os recolherem. Nesses pequenos “arrumados” é frequente encontrar crianças a guarnecer; são crianças que têm vínculos parentais com os “proprietários” do lixo que guarnecem. Contudo, são raros os casos em que determinado lixeiro apropria-se dos objectos achados pelos companheiros de trabalho.



Figura 4¹³: Adolescente cuidando de uma criança e guarnecendo o lixo recolhido por um de seus parentes.

A lixeira é um espaço “aparentemente” desorganizado contudo, nossas observações e análises nos levam a considerar que naquele contexto as lógicas de organização seguem outras vias. Afirmamos isso porque há uma implícita divisão etária das actividades na medida em que os intervalos etários coincidem bastante entre os grupos que mencionamos anteriormente: por exemplo, das conversas que tivemos com os nossos interlocutores, observamos que os “mais

¹³ *Idem.*

fortes” são todos indivíduos do sexo masculino com idades situadas entre 20 e 30 anos; o grupo dos que recolhem lixo que é despejado pelos camiões é maioritariamente composto por mulheres com idades superiores a trintas anos e por crianças com até 17 anos de idade.

Naquele espaço existe também uma “demarcação de territórios”: são raros os casos de invasão à “propriedade” alheia. Os lixeiros interagem, criam regras e normas que os mantêm sociáveis independentemente do espaço que integram: se, por exemplo, determinado lixeiro retira os achados de um outro lixeiro, este incorre a possibilidade de ser sancionado e reprimido verbalmente pelos outros. As regras e normas nas interações entre os lixeiros circunscrevem-se ao respeito e reconhecimento da propriedade alheia.

Os focos de concentração de lixeiros são determinados pela zona onde os camiões estão despejando lixo; as concentrações são também acompanhadas nas imediações pela presença de pequenos vendedores de produtos alimentares. Os principais consumidores de pães, *badjias*, sumo e água naquele espaço são homens e crianças pois, segundo narram as vendedeiras, as mulheres não tem o hábito de se alimentarem na “Bocaria”.

Uns dos elementos muito visíveis nos arredores da lixeira são os “txchovas”¹⁴; estes são usados geralmente para transportar os achados para os pontos de armazenamento e de venda. É um negócio desenvolvido por alguns vizinhos da lixeira que concentram seus “txchovas” em lugares estratégicos e facilmente localizáveis por aqueles que pretendem transportar seus achados.

Ora, a presença destes negócios no local sugere duas análises: primeiro, são negócios que não tem existência própria ou seja, a sua manutenção e reprodução dependem da presença da lixeira e dos lixeiros naquele local; são negócios consumidos sobretudo por apanhadores de lixo. Segundo, a presença do aglomerado de indivíduos na zona e que desenvolvem uma actividade específica, neste caso recolher lixo, é vista como uma oportunidade de criar ou aumentar as fontes de rendimento familiar das famílias que desenvolvem ali os seus negócios. Assim, a actividade de recolha e reaproveitamento de lixo acaba atraindo outro tipo de serviços, necessários para a sua manutenção.

¹⁴ Termo local usado para designar carros manuais de duas rodas usados para transportar carga.

6.5. Tipo e finalidade de resíduos recolhidos

Os tipos de resíduos sólidos recolhidos e as finalidades dos mesmos são diversificados. Existem dois grupos de resíduos que são recolhidos naquele espaço: primeiro, os que são para utilização ou consumos e, segundo, os que são para venda nos mercados informais ou à empresas de reciclagem. No primeiro grupo de resíduos, destaque para restos de comida, vestuário e alguns utensílios domésticos; há também aqueles que recolhem restos de alimentos para criação de animais em suas residências; a volta da lixeira é frequente encontrar casas que tenham curais de porcos nos quintais.

“Meus filhos são grandes e já não estão comigo. Venho aqui por causa da fome; apanho comida ou um pãozinho, como e vou embora para casa. Não consigo viver dependente dos outros e por isso já não incomodo meus filhos para me darem de comer” (Reginaldo, 46 anos, apanhador de lixo).

“A vida está difícil meu filho! Eu e minha filha apanhamos pedra para vender para as pessoas que tem obras lá na nossa zona. É graças a essas pedras que consigo comprar alguma coisa para comer e mandar meus filhos mais novos para escola” (Adélia, 54 anos, apanhadora de lixo).

“Meu negócio é vender porcos; aqui eu apanho restos de comida para alimentar minha criação. Mas as vezes encontro algumas coisas, como madeira, ferros e arame que posso levar para vender ou utilizar lá em casa” (Francisco, 50 anos, apanhador de lixo).

Muita coisa é reaproveitável para vários fins na lixeira de Hulene. Os objectos que mais “aceitação” têm são os metais aliás, como vimos anteriormente, estes são geralmente catados pelos mais fortes e a volta deles se constroem relações entre catadores e camionistas; em outras palavras, quando determinado camião contendo quantidades assinaláveis de resíduos metálico, é frequente haver acordos entre os lixeiros e os camionistas para o “controlo da carga” que depois de descarregada é dividida pelas duas partes, motoristas e catadores.

Relativamente aos objectos destinados à venda, destaque para os metais, papelão e plástico. Há um grupo de microempresas¹⁵ que compra objectos plásticos e latas recolhidos na lixeira para além das “sucatarias”¹⁶ que compram ferro velho. Há outros objectos recolhidos como é o caso

¹⁵ Por exemplo: a RECICLA, uma empresa que compra objectos de plásticos que posteriormente são reciclados e vendidos à alguns fabricantes de utensílios domésticos e industriais.

¹⁶ Termo usado para designar locais onde se compra e vende ferro velho.

dos pneus, restos de madeira, electrodomésticos avariados que, dependendo do seu estado, são para utilização individual ou para venda.

De forma geral, neste espaço busca-se tirar melhor proveito de tudo quanto é objecto que aparece na frente:

“Aqui nós apanhamos quase tudo, comida, roupa e coisas para vender. Estamos a sofrer, não temos emprego e não temos onde ir buscar muitas coisas que precisamos” (Admiro, 26 anos, apanhador de lixo).

“Eu apanho as coisas que o que posso utilizar; aqui somos muitos que vasculhamos lixo e eu não escolho, apanho tudo que dá para aproveitar” (Simão, 23 anos, apanhador de lixo).

6.6. A lixeira e os lixeiros vistos pelos vizinhos

Quando fazíamos menção ao perfil social dos nossos interlocutores, dividimos os vizinhos da lixeira em dois grupos: aqueles que têm alguma relação com a lixeira e aqueles que não tem nenhuma relação com a mesma. De acordo com o que observámos e percebemos através das nossas entrevistas, ter ou não ter uma relação com a lixeira, determina o tipo de juízos e opiniões que os indivíduos emitem em torna da mesma e em torno dos indivíduos que lá desenvolvem suas actividades.

Para o primeiro grupo, daqueles que tem alguma relação com a “Bocaria”, a presença da lixeira naquele espaço não constitui grande problema porque é de lá onde muitas pessoas tiram o sustento de suas famílias. Neste grupo existem aqueles que arrendam espaço para armazenamento de objectos recolhidos na lixeira e existem aqueles que trabalham directamente na lixeira. Para estes interlocutores,

“Se [*por exemplo*] o Conselho Municipal fechar a Bocaria, isso vai dificultar muito as nossas vidas. As pessoas não tem emprego e quando não terem onde arranjam coisas para se sustentarem vão passar a roubar porque sobrevivem da lixeira” (Anselmo, 32 anos, vizinho da lixeira).

“Eu vi muitas pessoas que construíram suas casas através do que apanharam na Bocaria. Há problemas de fumo e de moscas mas, é aqui as pessoas desenrascam para comer e mandar as crianças para escola” (Chud, 30 anos, vizinho da lixeira).

Destes dois extractos observamos que a opinião deste grupo específico de indivíduos é estruturada pelas relações que estes mantêm com a lixeira. Estes interlocutores armazenam objectos em seus quintais e cobram uma renda mensal pela utilização dos seus quintais. Por exemplo, diz um dos interlocutores:

“Há pessoas que vem de longe, de zonas como Malhazine e que não podem carregar as coisas para casa porque vivem longe. Estas pessoas costumam alugar meu quintal para guardar o produto”
(Anselmo, 32 anos, vizinho da lixeira).

Opinião diferente com relação à lixeira e com relação a presença de lixeiros têm os vizinhos que não tem qualquer relação com o espaço. Estes apontam para os problemas que enfrentam diariamente devido à presença da lixeira naquele bairro:

“Estamos a sofrer por causa das moscas e doenças. Esta zona não é boa para viver por causa da lixeira” (Telma, 20 anos, vizinha da lixeira).

“Há muito tempo que esperamos que o Conselho Municipal venha fechar a Bocaria. Não aguentamos com sujidade, moscas e fumos; estamos a sofrer de tosse por causa do fumo que respiramos aqui na zona” (Marta, 46 anos, vizinha da lixeira).

Para os interlocutores que não tem relações com a lixeira, a presença da mesma naquele bairro é um problema que deve ser resolvido pelas entidades competentes. Pelas conversas que tivemos, percebemos que este grupo entende que a lixeira é também a origem dos males que afectam a zona, sobretudo doenças e marginalidade: o facto da lixeira ser extensa e sem iluminação, é apontado como motivo para recrudescimento de assaltos na zona.

“Aqui há problemas de bandidagem. Muitas pessoas são assaltadas a noite e quando gritam nós não podemos sair de casa porque temos medo da escuridão. Depois de assaltarem, os *guadjissas*¹⁷ correm e entram na lixeira e nós não temos como lhes perseguir até lá; para além disso, antes de nos assaltarem eles ficam lá em cima do lixo, observam nossos movimentos e depois nos atacam”
(Marta, 46 anos, vizinha da lixeira).

¹⁷ Termo usado para denominar marginais, delinquentes, carteiros e pequenos assaltantes na via pública.

Para este grupo, a presença de lixeiros não é dos principais problemas; o principal problema é a presença da lixeira, ela atrai doenças e malfeitores. Quanto aos lixeiros, estes dizem que mantêm relações pacíficas com os vizinhos, não tem havido muitas situações de desentendimentos e fricções por causa da actividade de recolha de lixo. Muitos lixeiros apontam a cooperação com aqueles vizinhos que aceitam armazenar seus achados como um exemplo da passividade das relações que mantêm com os habitantes da zona.

Como vemos, os vizinhos não tem mesma opinião com relação a presença da “Bocaria” naquele espaço. A essa divisão de opiniões, há quem acrescenta que os apanhadores de lixo são indivíduos perigosos e por isso ninguém “ousa” passar a pé do lado da lixeira; como havíamos dito antes, quando procuramos nos informar sobre a lixeira e sobre os lixeiros, foi-nos dito que era muito perigoso lá entrar porque os “moços que ficam no portão” são “muito perigosos”.

Estes dados que apresentamos se referem à uma descrição sobre como é o quotidiano na lixeira de Hulene. Com esta descrição partimos para o ponto central Do nosso estudo que consiste em perceber esse espaço problemático chamado lixeira é um local em que se formam grupos de sociabilidade e se edificam também grupos identitários. Estas são as sugestões para os próximos capítulos.

CAPÍTULO 7

Sociabilidade e identidades sociais na lixeira de Hulene

Depois de apresentarmos os resultados das nossas observações à lixeira de Hulene, vamos agora discutir os elementos que nos levam a olhar para ela enquanto um espaço de sociabilidade e enquanto um *locus* de construção de identidades sociais. Privilegiamos neste capítulo a análise dos elementos interactivos que compõe a lixeira de Hulene e que nos levarão ao alcance dos nossos objectivos.

7.1. Lixeira de Hulene: um “mundo” de interacções sociais

Neste ponto da nossa monografia apresentamos uma discussão sobre as características das interacções sociais desenvolvidas no contexto da lixeira de Hulene. Dois aspectos merecerão destaque: as características das interacções sociais e os elementos estruturantes da formação dos grupos de sociabilidade entre os lixeiros.

Um dos elementos que nos levou a estudar a lixeira de Hulene é a necessidade de compreendermos como é que se constroem as interacções sociais naquele espaço, a simbologia e a reciprocidade à elas inerentes. Aqui a interacção social é definida como “acção social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contacto. Distingue-se da mera inter estímulação em virtude envolver significados e expectativas em relação às acções de outras pessoas” (Osborne, 2000:29); uma definição interaccionista que vai ao encontro da que apresentamos na conceptualização.

No nosso entender, a lixeira é um “mundo” de interacções na medida em que há um conjunto de relações que nela se constroem bem como, há símbolos, significados e expectativas que envolvem essas relações. As acções dos lixeiros, durante a sua actividade e em contacto com os outros, são movidas pelas regras implícitas de convivência criadas para normar as interacções naquele espaço.

“Eu apanho as minhas coisas e deixo num sítio. Ninguém mexe minhas coisas e eu também não mexo nas coisas de ninguém. Todos nós sofremos e precisamos nos respeitar para podermos conviver sem problemas uns com os outros” (Simão, 23 anos, apanhador de lixo).

Como sabemos, as interações sociais pressupõem a existência de regras e normas sociais; tais regras e normas são interiorizadas pelos indivíduos que as usam para se relacionarem uns com os outros. O respeito pelo espaço de outrem é uma das normas observáveis nas interações desenvolvidas naquele contexto. Além disso, existe linguagem e os gestos característicos daquele espaço: determinadas palavras e expressões tem significado e validade axiológica naquele contexto. Vejamos um exemplo:

“A mosca é de todos nós” (Joaquim, 27 anos, apanhador de lixo).

Esta expressão é válida naquele contexto e expressa a visão que os lixeiros têm com a relação a grande presença de moscas no local; é uma expressão entendida por todos intervenientes que recolhem e reaproveitam o lixo naquele espaço. Durante as suas interações e práticas do quotidiano os indivíduos se comunicam através de uma linguagem e símbolos comuns a todos. Segundo Garfinkel (1989), é daqui que podemos falar em indicialidade para perceber os recursos linguísticos usados pelos indivíduos para interpretar a realidade social. A indicialidade consiste nas determinações que se ligam a uma palavra ou seja, a linguagem ou palavras usadas só tem significado no contexto em que são produzidas.

Com a indicialidade percebemos que o significado das palavras e expressões tem muito a ver com o contexto em que são produzidas, a biografia do locutor, sua intenção imediata, a relação que mantém com o ouvinte, suas conversações. As expressões indiciais, diz Garfinkel (1989)¹⁸, devem ser relacionadas à linguagem e ao contexto em que são produzidas. O significado das palavras e expressões é incompleto e não é universal sendo que, é preciso localizá-lo onde é produzido.

¹⁸ *Op. Cit.* COULON, Alain. *Etnometodologia*. São Paulo, Petrópolis Editora, 1995

Por cima do lixo, conviver e interagir com os outros pressupõe também adoptar um conjunto de práticas e hábitos e formas de ser característicos dos actores que recolhem lixo. Um exemplo disso é vestuário: todos catadores de lixo vestem roupa velha, andam “sujos” naquele espaço e muito raramente usam equipamentos de segurança no seu trabalho. Há aqui uma naturalização da condição de lixeiros e não são raros os casos de acidentes reportados.

Diante destas interacções, o que dizer da sociabilidade naquele espaço? Esta questão remete ao desenrolar das relações entre os actores naquele espaço.

Estar na lixeira não significa estar necessariamente a recolher lixo: em muitos momentos, sobretudo naqueles em que não há camiões despejando lixo, é frequente encontrar pequenos grupos concentrados e a conversarem sobre muitos assuntos e coisas que marcam o seu quotidiano, dentro e fora da lixeira.

“As vezes eu fico aqui a conversar com meus amigos enquanto comemos algumas coisas que costumamos apanhar aqui” (Samuel, 11 anos de idade, apanhador de lixo).

“Há muitas pessoas que eu conheci aqui, outras são minhas vizinhas. Nós costumamos conversar quando estamos a trabalhar e as vezes nos encontramos lá fora” (Adélia, 54 anos, apanhadora de lixo).

“Não conseguimos todos subir camião ao mesmo tempo e quando estamos a espera de um camião, nós ficamos aqui a bater um papo, a *aquecer fogo* e a tratar de alguns produtos que apanhamos” (Joaquim, 27 anos, apanhador de lixo).

Pelos extractos de conversas, percebe-se que independentemente de estarem ou não a recolherem lixo, os catadores de Hulene se relacionam uns com ou outros e formam pequenos grupos onde trocam impressões. No portão principal de acesso, há um grupo de jovens lixeiros: lá, as conversas são permanentes; conversas que muitas vezes andam em torno dos automóveis e indivíduos que passam pela Av. Julius Nyerere.

Já no interior da lixeira, o que domina a temática das conversas é o quotidiano nos bairros, o problema dos transportes e o preço dos produtos básicos. Segundo Beachler (1985), a sociabilidade ocorre quando estamos diante as relações desenvolvidas por indivíduos ou por

grupos quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo susceptível de funcionar como uma unidade de actividade.

Na lixeira de Hulene, os grupos que se formam são locais onde os indivíduos falam do seu quotidiano e função disso constroem uma forma de verem o mundo. Os grupos da “Bocaria” são instáveis, bruscamente interrompidos com a chegada de camiões de lixo e naquele espaço, nenhum lixeiros fala na possibilidade de se formar uma associação de apanhadores de lixo: ali, é cada um por si mas, ainda assim, há grupos que se formam, há relações que se constroem.

Por causa das interacções e relações ali desenvolvidas, por cima do lixo se constrói um espaço de sociabilidade, um espaço onde indivíduos movidos à lixeira pela necessidade comum de sobreviverem, expressam suas opiniões, seus sentimentos e representações sociais sobre si e sobre o mundo com o qual mantêm contacto.

7.2. Lixo e lixeira: dois conceitos problemáticos

“No lixo é onde germina dinheiro. Quem vê de longe pensa que isto é lixo mas, está enganado: eu apanho ferro e cobre, vendo nas sucatarias e consigo ganhar melhor do que se estivesse a trabalhar como empregado doméstico” (Nino, 24 anos, apanhador de lixo).

Desde a concepção do nosso estudo, um dos principais e mais problemáticos conceitos com que trabalhamos é o de lixo: *até onde o lixo é realmente lixo? O que é lixo?* Estes questionamentos nos levaram à múltiplas definições de lixo mais, mais interessante ainda, nos levaram a construção social dos significados do lixo ou seja, nos levaram a perceber que o lixo não existe enquanto lixo; o lixo existe enquanto socialmente definido, por indivíduos membros de uma sociedade e pertencentes a determinados em posições diferentes na escala social.

Mas antes, começamos por apresentar alguns conceitos¹⁹ de lixo (Silveira & Morais, 2008):

- Todos aqueles materiais gerados nas actividades de produção, transformação ou consumo, que não alcançaram valor económico e social imediato.

¹⁹ Conceitos retirados de um mesmo texto que discute o quão é problemático definir lixo.

- Tudo que se gera na produção, fabricação e processamento cuja geração não era intenção original do processo.
- Material ou resto de material cujo proprietário ou produtor não mais o considera com valor suficiente para conservá-lo.
- Restos das actividades humanas, considerados por seus geradores como inúteis, indesejáveis e descartáveis.

Nestas definições, a lixeira é entendida enquanto espaço ou local onde se depositam os resíduos sem utilidade para quem os produziu; as mesmas são estruturadas pela ideia de utilidade vs inutilidade sendo que, qualquer objecto que não tenha mais utilidade em determinado contexto é considerado lixo. A realidade em Hulene e as noções e percepções a volta de resíduos, são completamente diferentes e nos levam a uma dimensão social do conceito lixo.

Pelo extracto apresentado no início deste ponto, observamos que os lixeiros têm consciência de que o que recolhem é considerado lixo por indivíduos produtores do mesmo contudo, naquele espaço, a ideia de utilidade determina a maneira como os lixeiros constroem representações e significados em torno daquilo que recolhem no dia a dia. Aquilo que é considerado lixo pelos seus produtores é considerado aproveitável pelos seus recolectores.

O problema dos conceitos lixo e lixeira assenta-se em dois aspectos: os definidores do lixo e a denominação do local onde se deposita lixo. Relativamente ao primeiro aspecto, observamos que o tipo de objectos inúteis que o indivíduo produz estão ligados à sua condição e posição social; ou seja, cada grupo define um conjunto de coisas e objectos que considera inúteis e que se pode desfazer deles.

No contexto dos lixeiros, a ideia de utilidade é muito presente: estes reaproveitam restos de comida (nalgumas vezes deteriorada), roupa, plástico, papelão, etc. para utilizar ou trocar comercialmente; é a sua condição social que os leva a ver utilidade e reaproveitabilidade no que os outros consideram lixo. Aliás, na lixeira de Hulene não se fala em lixo ou em resíduos sólidos: naquele espaço, os actores sociais falam de “coisas” reaproveitáveis, úteis e com valor comercial ou de uso. Os lixeiro não dizem que apanham lixo; estes dizem que apanham papelão, plástico,

madeira, pedra, ferro, cobre, utensílios, comida, entre outras “coisas”. Os extractos transcritos anteriormente transcritos são disso exemplo.

Não menos interessante é a denominação “Bocaria” para aquele espaço. Nenhum dos nossos interlocutores foi capaz de nos dizer com precisão a que esse refere mas, “Bocaria” é diferente de lixeira ou seja, a partir do momento em que espaço ganha outra denominação diferente de lixeira, ele é interiorizado e naturalizado enquanto um local em que indivíduos lutam pela sobrevivência. A lixeira é assim naturalizada enquanto um espaço de luta pela subsistência.

A interacção e conversa com indivíduos que se dedicam ao reaproveitamento de resíduos sólidos e sobretudo, perceber como estes interpretam e definem os objectos que recolhem e em função do contexto em que estão inseridos, leva-nos a inferir que o conceito lixo usualmente conhecido é problemático, socialmente definido e cujo alcance não é universal. Lixo para os lixeiros não é aquilo que eles recolhem.

7.3. Por uma construção da identidade social dos apanhadores de lixo

Um dos elementos definidores desta pesquisa consiste em perceber como é construída a identidade social dos apanhadores de lixo assim como, perceber como é que os lixeiros de Hulene se constituem enquanto um grupo identitário. Para captar este o elemento identitário, definimos como base as teorias interaccionistas sobre construção de identidades e um dos pressupostos fundamentais que defendemos é que estas se constroem nos processos interactivos entre os actores sociais e envolvem a atribuição de estereótipos, envolvem a maneira como os actores se vêem a si e vêem aos outros.

Tal como refere Dubar (1998), sendo relacional, a identidade envolve a classificação dos indivíduos através de categorias socialmente disponíveis; tal classificação serve para identificar o indivíduo e baseiam-se nas suas características, profissão, sexo, denominação étnica, etc.: é o processo de atribuição ou identidade para os outros que é complementado com a identidade para si ou seja, aquelas categorias que o indivíduo usa para se classificar a si. As questões que levantamos são: como é que os lixeiros se vêem si e aos outros? E, como é que os lixeiros são vistos pelos outros?

Respondendo as questões, o primeiro aspecto que levantamos tem a ver com o facto dos apanhadores de lixo se definirem em função da actividade que exercem em função da funcionalidade social desta mesma actividade:

“Nós apanhamos coisas porque não temos empregos e vida está difícil. Não posso ficar em casa sem fazer nada porque vou pensar em roubar ou levar as coisas de outras pessoas. Eu não sou ladrão e por isso venho batalhar aqui as coisas que preciso para comer” (Reginaldo, 46 anos, apanhador de lixo).

“Somos muitos que sofremos e que estamos aqui. Eu venho aqui com a minha filha não porque gosto; é aqui onde eu consigo o sustento da minha família” (Adélia, 54 anos, apanhadora de lixo).

Por estes extractos de depoimentos, vemos que os apanhadores de lixo se classificam enquanto indivíduos que sofrem e que por isso foram parar à lixeira. Fica também implícita a ideia de que trabalhar na lixeira é funcional porque isso faz com que o número de “ladrões” e “marginais” reduza; aliás, uma funcionalidade patente nos depoimentos de alguns vizinhos que tem alguma relação com o espaço. Há também a ideia da colectivização da identidade: em quase todas conversas, os lixeiros falavam de “nós que trabalhamos aqui”, “nós apanhamos coisas”.

Esta menção à lixeira enquanto um espaço onde um grupo de indivíduos desenvolve actividades de subsistência e, por isso, se forma como um grupo identitário nos remete à ideia de territorialidades sociais ou seja, “uma área de uso ou de exploração individual ou colectiva mais ou menos exclusiva que pode assegurar a sobrevivência” (Lisegang, 1998:104). A lixeira é assim um território social definido em função da dimensão ocupacional e da condição social dos indivíduos que desenvolvem lá as suas actividades.

Uma das características dos territórios sociais, tal como refere Lisegang (1998), é a predisposição dos seus integrantes em defender o espaço; no caso da lixeira, o facto dos apanhadores de lixo questionarem as intenções nossa presença, elementos exteriores àquele espaço, representa uma acção que visa demarcar seu território de pertença, defender o espaço onde desenvolvem suas actividades de sobrevivência.

Os territórios sociais, “são igualmente territórios de uma posição ou estatuto social, a consciência de ser membro de uma classe privilegiada ou espoliada, portanto de identidades sociais”

(Lisegang, 1998:105). Como dissemos, os lixeiros tem consciência da sua condição de apanhadores de lixo e a sua identidade naquele espaço é a volta disso estruturada; por desenvolverem suas actividades no contexto da lixeira, os lixeiros se identificam como batalhadores, sobreviventes e indivíduos que procuram levar uma “vida honesta”, mesmo dentro de muitas dificuldades.

Para os lixeiros, os outros, aqueles que desenvolvem actividades de subsistência em outros espaços que não sejam a lixeira, são os “sortudos”; uma sorte na qual muitos crêem, uma crença de que no futuro a vida vai melhorar e por essa razão, os lixeiros mandam seus filhos à escola e acreditam que terão um emprego formal um dia. Diante disto, há que perceber como os outros, os “sortudos”, olham para a lixeira e, sobretudo, para os apanhadores de lixo.

O segundo aspecto que levantamos para responder as questões levantadas acima, tem a ver com a opinião dos outros sobre os lixeiros. Os vizinhos dizem que não tem problemas com os lixeiros e sim, tem problemas com a presença da lixeira naquele espaço; para os vizinhos com quem conversamos, os lixeiros são indivíduos que lutam pela sobrevivência naquele espaço e que eles não são culpados da sua condição social.

Mesma opinião não tem indivíduos relativamente distantes da lixeira: antes de nos dirigirmos a lixeira, procuramos informações nas imediações e em locais como barracas e “pequenos mercadinhos”; foi-nos dito que os lixeiros são perigosos. Quando procuramos saber porquê os lixeiros são perigosos, foi-nos dito que aqueles que ficam no portão tem o hábito de proferir insultos e perturbar as pessoas que passam pela Av. Julius Nyerere. Essa é a razão porque alguns indivíduos consideram os lixeiros marginais e *molwenes*²⁰, criando assim um conjunto de nomes, denominações pejorativas e estereótipos à volta dos apanhadores de lixo. Um exemplo desses estereótipos existentes a volta dos lixeiros é uma reportagem do Jornal A Verdade On-line de 15 de Maio de 2009:

“É extremamente perigoso andar por perto da lixeira, onde aqueles jovens perderam toda a sensibilidade humana. Eles podem te agredir, violar e até matar, por isso, todo o cuidado será muito pouco” (Cháúque, 2009: Jornal a Verdade On-line)²¹.

²⁰ Termo local utilizado para designar moradores de rua e indivíduos desviantes.

²¹ Disponível em: http://www.verdade.co.mz/index.php?view=article&id=2443%3Aviver-na-gandaia-e-continuar-a-ser-gente&option=com_content&Itemid=53, acessado a 1 de Abril de 2010.

Pelo extracto, depreende-se que os lixeiros são também entendidos enquanto indivíduos violentos e agressivos, consumidores de drogas e extremamente perigosos para as pessoas que passam por ali; um detalhe é que na parte frontal da lixeira, vedada por um murro, não é possível ver indivíduos a passarem. Quando procuramos informações nas proximidades do local, foi-nos informado que era extremamente perigoso entrar naquele espaço. Estas categorias sociais usadas para classificar os lixeiros e atribuir-lhes uma identidade têm a ver com a ideia do desvio.

Segundo Boudon (1990), o desvio é transgressão, identificada como tal e portanto sancionada, das normas em vigor num dado sistema social. Para muitos, recolher e reaproveitar aquilo que foi convencionalmente definido como lixo e inútil é um acto desviante e aqueles que o fazem tem tendências para o desvio. É o que Perlman (1977) chama de mito da marginalidade onde,

“associa-se a marginalidade com as classes urbanas inferiores, os desempregados ou sub empregados – aqueles que participam precariamente do mercado de trabalho [...]. A característica determinante [*de um marginal*] é de ordem económico-ocupacional, relacionada com a falta de trabalho, ou com empregos mal pagos e instáveis, que não participam da economia geral e não contribuem para ela” (Perlman, 1977:126).

Constatamos que veicula-se também – entre alguns indivíduos que estão relativamente distantes da lixeira – a ideia de que os apanhadores de lixo, são marginais e desviantes por estarem a interagir e sobreviver num espaço problemático, definido socialmente como imundo e inabitável. Olhar assim os lixeiros é um mito pois, como vimos, estes tem lógicas próprias de organização e interação num quadro de regras e normas válidas e aceites naquele espaço. Serra (2003) já alertava para o facto dos “habitantes do mundo problemático” serem indivíduos estigmatizados por quase todos, dada a sua condição social e as actividades de reprodução social que desenvolvem.

Goffman (1980) observa que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. Quando o indivíduo não reúne determinadas características que a sociedade definiu como categorias para determinar a normalidade, este é portador de um o

estigma ou seja, o indivíduo é desacreditado por possuir um defeito, fraqueza ou desvantagem social.

“Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande” (Goffman, 1980:6).

Goffman (1980) usa o termo estigma para fazer menção a um atributo profundamente depreciativo que é usado para caracterizar alguém em função das características físicas e sociais que possui. O autor distingue três tipos de estigma: físico (que tem a ver com as características físicas do indivíduo); o social (que tem a ver com as características sociais do indivíduo) e o tribal e de raça (que tem a ver com as origens tribais e características raciais do indivíduo).

No caso dos lixeiros, estes não são marginais em si e sim, são marginais porque assim o foram definidos por causa da sua condição social de apanhadores de lixo. Os actores sociais que interagem no contexto da lixeira são assim estigmatizados, depreciados e considerados indivíduos anormais porque ocupam-se de recolher e reaproveitar “coisas” que foram convencionadas inúteis por outros, os “normais”.

Os lixeiros não são o que provavelmente a sociedade esperava que fossem: indivíduos com emprego formal, rendimento mensal fixo, indivíduos que frequentam escolas e universidades. Não tendo estas características, os indivíduos são categorizados através de atributos depreciativos porque não desenvolvem actividades convencionalmente definidas como “normais”.

“Acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efectivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (Goffman, 1980:8).

Portanto, não existe uma total coincidência entre aquilo que os lixeiros dizem ser e aquilo que os outros dizem que eles são. Simbolicamente e no contexto das relações sociais desenvolvidas entre os lixeiros e entre os lixeiros e aqueles que por aí passam, a lixeira de Hulene tem um duplo significado: ela é, por um lado, entendida como um espaço de luta pela sobrevivência daqueles que, por vários motivos, não estão integrados em outras actividades socio-económicas e, por outro lado, é entendida como um espaço de produção de “perigosos marginais” e desviados.

Contudo, observamos que as actividades dos lixeiros não se circunscrevem exclusivamente àquele espaço; estes frequentam outros espaços de sociabilidade onde, provavelmente, assumem outras identidades pois, não se apresentam tal como se apresentariam se estivessem na “Bocaria”.

“Aos domingos não venho apanhar pedras com meus filhos porque nós vamos a igreja e aproveitamos também para descansar nesse dia” (Adélia, 54 anos, apanhadora de lixo).

“Depois apanhar coisas em quantidade que dá para vender, eu vou pesar na RECICLA e ganho algum dinheiro. Depois disso, eu vou comprar comida e pagar algumas coisas da escola para os meus filhos. Não tenho marido, não tenho quem me ajude nas despesas de casa” (Hortênsia, 30 anos, apanhadora de lixo).

Pelos extractos de conversas, vemos que os lixeiros frequentam outros espaços e que suas vidas não se circunscrevem apenas àquele local. Estes frequentam a igreja, frequentam bares e barracas, levam os filhos à escola e tem dias para descansar. Neste estudo não buscamos aferir as condições de habitação dos lixeiros e nenhum dos nossos interlocutores afirmou viver na lixeira. Os lixeiros, a partir das interacções que desenvolvem, constroem formas próprias de desenvolverem suas actividades, de relacionarem e de se verem a si e aos outros indivíduos exteriores àquele espaço.

Se, por um lado, os lixeiros procuram levar uma “vida normal” recolhendo aquilo que os outros consideram lixo, por outro lado, devido ao facto de interagirem e sobreviverem num espaço problemático, criam-se as condições para que estes sejam rotulados e identificados como marginais e perigosos à tranquilidade de quem passa por aí. Assim se constrói a identidade social dos apanhadores de lixo, uma construção assente nas relações entre estes e com o mundo que os rodeia bem como, na consciência de sua condição social de apanhadores de lixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lixeira de Hulene, localmente designada “Bocaria”, é um espaço de interações sociais entre vários indivíduos, de várias origens e de diferentes idades; por cima do lixo formam-se grupos e redes sociais que interagem permanentemente e tornam aquele espaço um *locus* de construção social da realidade. A lixeira de Hulene é, por estas razões, um espaço de sociabilidade, um espaço dinâmico e de construção de identidades.

Pela análise feita, percebemos que podemos construir uma abordagem social sobre o dia a dia naquele espaço. O facto de haverem lá seres sociais, com valores e culturas dos seus locais de proveniência, torna aquele espaço um local em que se desenrolam interações sociais com características inerentes ao local; sobre o lixo da lixeira de Hulene se constroem interações sociais, formam-se pequenos grupos e constroem-se regras para orientar as interações entre os indivíduos. É por isso que olhamos para este espaço como um *locus* de interações sociais, um espaço de sociabilidade e de construção de identidades.

Duas foram as hipóteses que levantamos no nosso processo de pesquisa. Dos resultados da nossa pesquisa empírica, constatamos que as relações entre os lixeiros tem muito a ver com as características específicas dos objectos de cada um recolhe naquele espaço. Vimos que os grupos se formam tendo em conta o lixo específico que é recolhido: as mulheres e crianças recolhem um tipo determinado de lixo; os jovens, os mais fortes, também recolhem determinado tipo de lixo e as relações sociais entre os lixeiros também gira em torno disso.

Com base nestas observações tomamos como confirmada nossa primeira hipótese pois, constatamos que os lixeiros interagem num espaço em que todos são movidos pelo interesse comum de sobrevivência e que as relações e interações sociais naquele espaço são estruturadas pelas características e finalidades específicas do lixo que cada um recolhe naquele espaço. Os grupos que se formam na lixeira de Hulene andam em torno das características do lixo que é recolhido.

Outra análise tem a ver com a formação da identidade dos lixeiros. Mesmo não tendo uma associação de catadores, estes tem consciência da sua condição social e da noção de territorialidade social e se identificam em função dessa condição social e pelas mesmas razões

que a produzem; os lixeiros se entendem enquanto indivíduos batalhadores que, no lugar de roubar, procuram sobreviver de uma forma honesta reaproveitando o que os outros consideram lixo. Contudo, esse facto leva a construção de um conjunto de estereótipos e de atributos pejorativos àqueles que vivem do lixo: indivíduos marginais, desviantes e violentos.

Ora, tomamos como base a ideia de que a identidade se constrói num processo relacional e, a partir destas observações, também tomamos como confirmada nossa segunda hipótese pois, observamos que é no contexto das relações que estabelecem no quadro da actividade de recolha de lixo que os lixeiros de Hulene constroem uma forma própria de se verem a si e aos indivíduos com quem interagem, constituindo-se assim como um grupo identitário. Os lixeiros se conhecem e se identificam enquanto indivíduos batalhadores e sofredores e que tem na lixeira as suas possibilidades de sobrevivência.

Muito ainda se oferece dizer e estudar sobre a constituição social da lixeira de Hulene. Neste estudo cingimo-nos na questão da sociabilidade e da identidade e acreditamos que alcançamos o nosso propósito principal que era estudar a lixeira enquanto um espaço de sociabilidade; as nossas observações e as conversas que tivemos com diferentes interlocutores nos levaram a construir nosso ponto de vista nesse sentido. Futuros estudos podem ser feitos naquele espaço.

O nosso estudo não cobriu todas as possibilidades de análise sobre o fenómeno em causa e, nesse sentido, acreditamos que mais estudos sobre a lixeira de Hulene são necessários e tais estudos devem orientar as suas abordagens para aspectos: as dimensões económica e cultural da lixeira bem como, as estruturas e composições das famílias de origem dos apanhadores de lixo. Como esses novos elementos, podemos formular uma opinião mais concisa sobre o grupo social dos lixeiros; contudo, não devemos descartar a ideia estruturante das nossas análises sociais: acima de tudo, a lixeira de Hulene é um espaço social e deve ser entendida como tal, qualquer análise que se queira fazer sobre ela deve ter em conta as dinâmicas e interacções sociais que nela se desenvolvem.

BIBLIOGRAFIA

ALI, Abobacar Mumade. *Va Phande va sila: Representações sociais a volta do lixo na lixeira de Mahlampsene*. 2009. 62 f (Folhas). Trabalho de Fim de Curso (Licenciatura em Sociologia) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª Edição. São Paulo: Atlas Editora.

BEACHLER, Jean. “Grupos e Sociabilidade”. In BOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. Porto: Editora ASA, 1995. Pp. 52-85

BOUDON, Raymond *et. al.* *Dicionário de Sociologia*; Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

CHEFO, Carlos Augusto. *Cultura de pobreza: Vida na Lixeira de Hulene na Cidade de Maputo*. 2003. 62 f (Folhas). Trabalho de Fim de Curso (Licenciatura em Sociologia) – Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

COLAÇO, João Carlos. *Os lixeiros da Cidade de Maputo*. Maputo: CEA – Revista Estudos Moçambicanos nº 18, Imprensa Universitária, 2003. Pp. 25-74.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago: Introdução e Origens*. São Paulo, Editora Papyrus, 1995. Pp. 7 – 27.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. São Paulo, Petrópolis Editora, 1995.

CUNA, Armando. *A problemática do lixo em meio urbano: estudo de caso da cidade de Maputo*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

DUBAR, Claude. *A Socialização, construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editoras, 1998.

FERREIRA, J. M. Carvalho et al. *Sociologia*. Lisboa: MC. Graw Hill, 1995.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980
- JOAS, Hans. “Interaccionismo Simbólico”. In, GUIDDENS, Anthony & TURNER, Jonathan. *Teoria Social Hoje*. São Paulo, Editora UNESP, 1999. Pp. 127-174.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 7ª Edição. São Paulo, Atlas Editora, 2007.
- LISEGANG, Gerhard. “Territorialidades sociais e identidades com referência a Moçambique” In SERRA, Carlos (dir.). *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*. Maputo: Imprensa Universitária, 1998.
- MAIA, Rui Leandro. *Dicionário de Sociologia*. Lisboa Editora Escolar, 2000.
- OSBORNE, Richard. *Dicionário de Sociologia*. São Paulo: Ática Editora, 2000.
- PERLMAN, Janice E. *O mito da Marginalidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 1ª Edição. Lisboa, Gradiva, 1992.
- SERRA, Carlos. *Ciências, cientistas e investigação*. Maputo, Imprensa Universitária, 2005.
- SERRA, Carlos. *Em cima de uma lâmina (estudo sobre a precariedade em 3 cidades de Moçambique)*. Maputo, Imprensa universitária, 2003.
- SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Gentulio Vargas – Instituto de Documentação, 1986.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática Editora, 1983. Coleção Grandes Autores. Pp.175-181.
- SOARES, Edvaldo. *Metodologia Científica: Lógica, Epistemologia e Normas*. São Paulo, Atlas Editora S.A, 2003.

TURNER, Jonathan. *Sociologia: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: Makroon Books Editora, 1999.

VELHO, Gilberto (coord.). *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

Sites, Jornais/Medias e Enciclopédias consultados:

- Boletim Informativo on-line da Associação Livaningo. *Pressão para o encerramento da Lixeira de Hulene*. Maputo, 08 de Março de 2008. Disponível em: www.livaningo.org.mz/htt/hulene.html
- Boletim Informativo *ONLINE* do Fundo Nacional do Ambiente: www.funab.gov.mz
- CHAÚQUE, Alexandre. *Viver na gandaia e continuar a ser gente*. Maputo: Jornal a Verdade On-line, 15 de Maio de 2009. Disponível em: http://www.verdade.co.mz/index.php?view=article&id=2443%3Aviver-na-gandaia-e-continuar-a-ser-gente&option=com_content&Itemid=53
- Instituto Nacional de Estatística (2008), Portal do de Estatística de Moçambique: <http://www.ine.gov.mz/censo2007>
- Jornal Noticias, 25.05.2007: *Municípios dão luz verde à lixeira de Mathlemele*.
- Publicações ALFA. *Dicionário Enciclopédico ALFA (A-L)*. Lisboa: Publicações Alfa S.A., 1992.
- Televisão de Moçambique (2008): <http://www.tvm.co.mz>
- VALOI, Tiago. *Lixeira deixa famílias agastadas em Hulene*. Maputo: Jornal o País On-line, 01 de Abril de 2009. Disponível em: http://www.opais.co.mz/opais/index.php?option=com_content&view=article&id=298:lix-eira-deixa-familias-agastadas-em-hulene&catid=45:sociedade&Itemid=176

ANEXOS

a) Guião de questões para os apanhadores de lixo na lixeira municipal de Hulene²²

1. Nome (opcional)
2. Idade (opcional)
3. Sexo
 1. Masculino
 2. Feminino

3. Estado Civil (opcional)
 1. Solteiro (a)
 2. Casado (a)
 3. Divorciado (a)
 4. Viúvo (a)
 5. Vive maritalmente

4. Local de nascimento (província, distrito/cidade e localidade/bairro)
5. Local de residência actualmente (província, distrito/cidade e localidade/bairro)
6. Escolaridade
7. Conte-nos como veio parar neste espaço e como foi no princípio?
8. A que horas entra e sai da lixeira?
9. Quantas vezes por semana vêm a lixeira?
10. Há quanto tempo vem aqui apanhar coisas?
11. Que tipo de coisas apanha?
12. Para que servem os objectos que apanha?
13. O que você acha do seu trabalho?
14. Já trabalhou em outro sector ou já pensou em deixar a sua actividade actual?
15. Já presenciou ou sofreu algum acidente aqui?
16. Tem conhecidos e familiares aqui na “Bocaria”?
17. Conte-nos como tem sido as vossas relações aqui?
18. Como tem sido vossas relações com o pessoal dos camiões e do CM?
19. Existe aqui alguma associação vossa?
20. Algum comentário que gostaria de deixar?

²² As questões apresentadas não foram sequencialmente colocadas e não as levamos em forma de questionário para os apanhadores de lixo e outros interlocutores da nossa pesquisa. Pela metodologia, definimos que as entrevistas seriam abertas e muitas outras questões foram colocadas no desenrolar das conversas; as questões apresentadas são básicas para o nosso estudo. O mesmo procedimento foi repetido com os vizinhos da lixeira.

b) Guião de questões para os vizinhos da lixeira

1. Nome (opcional)
2. Idade (opcional)
3. Sexo
 1. Masculino
 2. Feminino

4. Estado Civil (opcional)
 1. Solteiro (a)
 2. Casado (a)
 3. Divorciado (a)
 4. Viúvo (a)
 5. Vive maritalmente

5. Local de nascimento (província, distrito/cidade e localidade/bairro)
6. Escolaridade
7. Há quanto tempo vive aqui nas imediações da lixeira?
8. Tem mantido contacto ou relações com o pessoal que recolhe lixo na “Bocaria”?
9. Se sim, conte-nos como tem sido vossa relação com os apanhadores de lixo da “Bocaria”.
10. Já adquiriu ou tem adquirido coisas e objectos provenientes da “Bocaria”?
11. Se já adquiriu, para que serviram esses objectos ou coisas?
12. O que acha da presença da lixeira e de apanhadores de lixo aqui no bairro?
13. Alguma vez já entrou na “Bocaria” para apanhar coisas?
14. Já viu algum acidente envolvendo pessoas que apanham lixo?
15. Tem algum comentário a fazer sobre o que perguntamos e sobre a lixeira de Hulene?